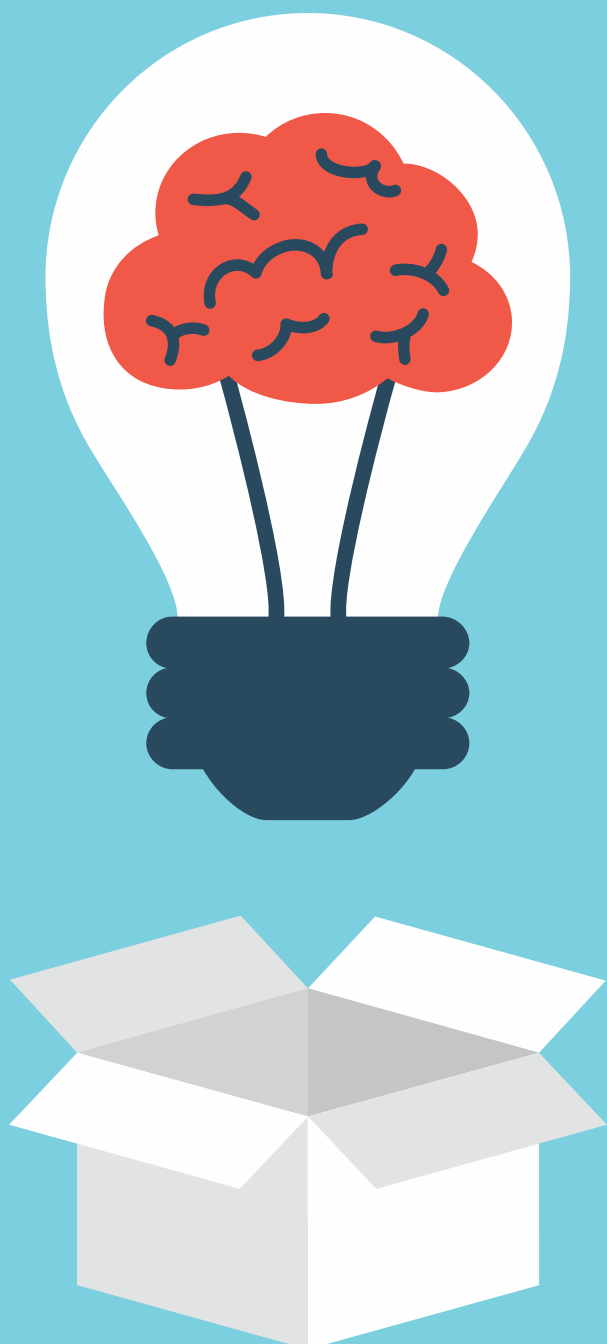


V. 01 - N. 02 - JULHO A DEZEMBRO - 2013 - ISSN 2318-6178

UNIVERSO DA PSICOLOGIA



MULTIVIX

MULTIPLICANDO CONHECIMENTO



UNIVERSO
DA PSICOLOGIA

MULTIVIX

MULTIPLICANDO CONHECIMENTO

ISSN 2318-6178

UNIVERSO DA PSICOLOGIA

Faculdade Capixaba de Nova Venécia – Multivix
v. 01, n. 02 Jul./Dez. – 2013 – Semestral

Diretor Executivo

Tadeu Antônio de Oliveira Penina

Diretora Acadêmica

Eliene Maria Gava Ferrão

Diretor Administrativo-Financeiro

Fernando Bom Costalonga

Coordenadora Geral

Sandrélia Cerutti Carminati

Coordenadora Acadêmica

Alcione Cabaline Gotardo

Coordenadora de Administração /Ciências Contábeis

Sabryna Zen Rauta

Coordenador de Arquitetura

Cassio Santana Fávero

Coordenador de Direito

Maxwilian Oliveira

Coordenadora de Educação Física

Alexandra Barbosa Oliveira

Coordenador de Enfermagem

Ivan Paulino

Coordenadora de Engenharia Ambiental

Talita Aparecida Pletsch

Coordenadora de Engenharia da Produção/Engenharia Civil

Olívia Nascimento Boldrini

Coordenador de Letras/Pedagogia

José Junior de Oliveira Silva

Coordenador de Psicologia

André Mota do Livramento

Bibliotecária

Alexandra Barbosa Oliveira

Comissão Editorial

Eliene Maria Gava Ferrão (Presidente)

Kessya Pinitente Fabiano Costalonga

André Mota do Livramento

Alcione Cabaline Gotardo

José Junior de Oliveira Silva

Endereço para correspondência

Biblioteca Pe. Carlos Furbetta

Rua Jacobina, 165 – Bairro São Francisco

29830-000 – Nova Venécia – ES

E-mail: alexandra.oliveira@multivix.edu.br

Capa

Alex Cavalini

Universo da Psicologia / Faculdade Capixaba de Nova Venécia / –
Nova Venécia: (Jul./Dez. 2013).

Semestral
ISSN 2318-6178

1. Produção científica – Faculdade Capixaba de Nova Venécia. II.
Título

UNIVERSO DA PSICOLOGIA

SUMÁRIO

ARTIGOS

NÃO FALE COM ESTRANHOS.....	05
André Mota do Livramento Arielle Rocha de Oliveira Silva Nascimento Fabiana Davel Canal Gilead Marchezi Tavares	
A HISTERIA E A CASTRAÇÃO DO OUTRO.....	15
Dalton Demoner Figueiredo	
A IMPORTANCIA DA RELAÇÃO EU – TU PARA O PROCESSO DE TORNAR-SE PESSOA.....	23
Daniely de Oliveira Lorenzon	
PONTO DE DESENCONTRO: SUPERFICIALIDADE NAS RELAÇÕES HUMANAS.....	36
Aline Cadurini Pezzin Mila Silva Spalla	
RELEVÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NAS EQUIPES DE SAÚDE MENTAL.....	47
Anny Mota do Livramento Venturini	
ADOLESCÊNCIA E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: OS (DES)CAMINHOS DE UM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPECIALIZADA.....	55
Douglas Vieira de Freitas Samara de Laia Vasconcelos André Mota do Livramento	
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA UNIVERSO DA PSICOLOGIA.....	66

EDITORIAL

A publicação do segundo número da Revista Universo da Psicologia é mais uma prova da força do curso de Psicologia da Faculdade Multivix – Nova Venécia.

Por acreditarmos que a produção de conhecimento é fundamental para a consolidação da graduação e da profissão, temos buscado, junto aos docentes e discentes de Psicologia, fomentar a publicação de artigos, dada a importância de compartilharmos os conhecimentos que juntos temos construído e adquirido.

Neste número, apresentamos artigos de professores e alunos da Faculdade Multivix, além de contribuições de colegas Psicólogos do nosso Estado. Aos autores, agradecemos pela contribuição dada a nossa revista e por ter nos escolhido como meio de publicação dos seus trabalhos.

Estamos abertos a contribuições, críticas, sugestões, para que possamos construir um periódico de excelência.

Tenham uma excelente leitura!

Professor André Mota do Livramento

Psicólogo – CRP 16/3142

Mestre em Psicologia (PPGP/UFES)

Coordenador do Curso de Psicologia – Faculdade Multivix/Nova Venécia

NÃO FALE COM ESTRANHOS

André Mota do Livramento¹
Arielle Rocha de Oliveira Silva Nascimento²
Fabiana Davel Canal³
Gilead Marchezi Tavares⁴

RESUMO

A atualidade é marcada pela fragilidade e vulnerabilidade em várias dimensões da vida, como nas relações de trabalho, nas identidades ou nos produtos, trazendo a flexibilização, a fluidez e a descartabilidade. As relações humanas baseadas na fluidez dos laços são facilmente identificadas em lugares onde o tráfego humano é intenso e variado, como as grandes cidades, que nos obrigam a conviver fisicamente com a presença do outro e a criar maneiras para nos protegermos de estranhos. Assim, com este trabalho, buscamos eventos e acontecimentos que perpassam as relações sociais na cidade de Vitória (ES), filmando paisagens e personagens, de modo que pudéssemos refletir os modos de vida citadinos e a nossa ocupação nesse lugar. Para tanto, tínhamos ainda como instrumento um diário de bordo, onde anotávamos nossas percepções e análises sobre os caminhos percorridos. Como seguimos para muitos pontos da cidade, ao pararmos, revimos as imagens filmadas e construímos um vídeo que, posteriormente, foi apresentado para os alunos da Educação de Jovens e Adultos de uma escola de Vitória. Por fim, destacamos o poder de disrupção que pode perturbar a forma urbana que está colocada, com uma cidade que abriga uma infinidade de tipos diferentes, de formas. Por mais que se tente, não há como sair ileso ao transitar por ambientes como esse.

Palavras-chave: Modos de vida. Cidade. Relações de consumo. Zygmunt Bauman.

ABSTRACT

The present days have been marked by fragility and vulnerability in several dimensions of life, such as in the work relationships, identities, and products, bringing loosening, fluidity and disposability. The human relationships based on fluidity of the social bonds are easily found in places where the traffic of people is intense and diversified like in big cities, which obligate us to live physically together with other people, and to create ways of protection from strangers. Thus, with this work, we looked for events that go along with the social relationships in the city of Vitória, Espírito Santo state, recording landscapes and characters, so that subsequent reflections on the local way of life and our occupation in this place would be possible. For this purpose, we had as instrument of

¹ Graduado e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor e Coordenador do Curso de Psicologia da Faculdade Capixaba de Nova Venécia – Multivix. E-mail: drepsi@yahoo.com.br.

² Graduada e Mestre em Psicologia Institucional pela UFES. Professora Assistente da UFES.

³ Graduada e Mestre em Psicologia Institucional pela UFES. Professora do Instituto de Ensino Superior do Espírito Santo e Psicóloga do Programa de medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida (LA) e prestação de serviço à comunidade (PSC) no CREAS de Castelo-ES.

⁴ Graduada e Doutora em Psicologia pela UFES. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES.

research a diary, where all the perceptions and analysis over the path taken were written down. Once a lot of points in the city were visited, the images recorded were reviewed at every shutdown, and then a video was made, which was subsequently shown to students of the class for Youth and Adult Education of a school in Vitória. Finally, we highlight the power of the disruption, which may disturb the urban form as we know it in a city that hosts such different types and forms. It does not matter how much we try, there is no way to escape unscathed after transiting through places like this.

Keywords: Ways of life. City. Consumption relations. Zygmunt Bauman.

1 INTRODUÇÃO

Os modos de vida humanos evoluem para uma fluidez onde há um derretimento das ferrugens institucionalizadas, fixas e sólidas. Essas novas formas líquidas de existência não significam, porém, evolução de vida já que essas mudanças se dão a seu modo: velozes, opressivas e normalmente destrutivas.

De fato, a organização humana não tolera mais os efeitos de “longa duração”. As formas estão sempre em vias de se desfazer, assim como os fluxos atravessam de forma cada vez mais intensa. Essa existência globalizada que se dá também em um encurtamento dos espaços, via tecnologia, promove essa mutabilidade frenética, “isso acelera o processo de engendramento de novas formas e encurta o prazo de validade das formas em uso, as quais se tornam obsoletas antes mesmo que se tenha tido tempo de absorvê-las” (ROLNIK, 2007, s/p).

A mundialização, com suas garras tecnológicas infinitas, como a internet, a mídia e outros aparelhos comunicativos contemplam essa transformação dos padrões sólidos e das formas de vida como também garantem a promoção dessa mutabilidade das coisas e da produção do efêmero, do volátil. Essa liquidez espalha-se para as relações, para o sentido afetivo, que exige uma rotatividade, pois agora, o durável é quase sempre entediante e ainda não aprendemos a inventar no tédio. Porém, para além das parcerias pessoais, essa fragilidade e vulnerabilidade características do atual ambiente de vida, marcam também outras esferas: tanto do trabalho (pela flexibilização) quanto das identidades (fluidas e móveis) e dos produtos (descartáveis) (TAVARES, IRVING, 2007).

As nossas relações profissionais, por exemplo, são caracterizadas por uma flexibilidade obrigatória onde é necessária uma correria “ilógica” para garantir a nós e aos outros que estamos “trabalhando”, “correndo atrás”. Exigem-se habilidades onde o seu desaparecimento se dá em tempo menor do que o necessário para adquiri-las e dominá-las; com empregos desaparecendo sem aviso (TAVARES, IRVING, 2007), ou quase, em função do ininterrupto desenvolvimento do trabalho maquínico, garantido pela revolução tecnológica.

Nessa contemporaneidade marcada pela mercantilização do desejo, pela lógica do consumo, a existência passa a ser reconhecida pelo ato de consumir, onde a busca por novos objetos de consumo estende-se também para os laços e parcerias que tendem a ser consumidas, favorecendo relações superficiais e fugazes. “A percepção do mundo, com

seus habitantes, como um conjunto de itens de consumo, faz da negociação de laços humanos duradouros algo excessivamente difícil” (BAUMAN, 2001, p.188).

Da mesma forma que os produtos que consumimos, tendemos a relacionar a validade do engajamento e compromisso com o outro com a sua utilidade e poder de satisfação. Sempre uma relação muito cautelosa para que a relação não exija mais do que se quer oferecer. Como nos “alerta” Bauman (2004), não se deixe apanhar. *Evite abraços muito apertados*. Lembre-se de que, quanto mais profundas e densas suas ligações, compromissos e engajamentos, maiores os seus riscos.

Esse consumo expandido para além dos produtos oferecidos nas vitrines também revela que a atividade consumista não é mais consequência das nossas necessidades, mas, como diz Bauman (2001, p.188) do desejo, entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa [...] um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou “causa”. Por sua mobilidade e efemeridade, o desejo tende a ser marcado por sua insaciabilidade, tendo a si mesmo como objeto constante.

A desintegração dos laços humanos movimentada outras formas de passagem e trânsito pela cidade. A fluidez, fragilidade e transitoriedade marcam todas as espécies de vínculos sociais, produzindo formas de interações humanas cada vez mais frágeis e débeis, onde o outro passa a ser ameaçador pelas diferenças que ele carrega e pelo desconhecimento que se tem dele.

Numa cidade onde é o lugar das diferenças, o que nos tornamos para os outros são superfícies. Já que estamos fadados a vaguear nessa multidão estranha e mutável, usamos a superfície como a forma de relação. Avaliamos o estranho pela superfície, de maneira que essa é a única medida possível de avaliação. Quando apenas as superfícies se encontram, sempre de forma passageira, fica difícil negociar e descobrir se o encontro é prazeroso ou perigoso, então, fica mais fácil e estratégico deter o encontro antes que ele mergulhe além da superfície (BAUMAN, 2003).

Essas relações são facilmente identificadas em lugares onde o tráfego humano é intenso e variado. Lugares urbanos que nos obrigam a conviver fisicamente com a presença do outro estranho. São lugares que por um acordo “invisível” as pessoas não podem ter contato além do permitido. Há uma indiferença com o ambiente. São lugares que não permitem tempo de estada além do limite; são os “não-lugares”. Existe uma relação: cumprimenta-se, conversa-se, mas sempre evitando um maior contato. Há um desaparecimento de interesse. Uma tolerância que beira a indiferença. Tendemos então a ver o estranho como aquele que traz em si uma motivação que geralmente é imprevisível. É ele a encarnação da insegurança.

Deve-se também a isso a criação de novos lugares de moradias como estratégia de afastamento dessa insegurança e do encontro com estranhos. São os grandes apartamentos, condomínios fechados, residenciais:

[...] câmeras de segurança, grades e cancelas, portarias blindadas, sistema de identificação e monitoramento no trajeto dentro dos condomínios, profissionais de segurança treinados, escolas anexas aos condomínios, lojas, academias, áreas de lazer, etc. Tudo estruturado e apresentado aos futuros moradores de modo que compreendam que, ao adquirir um apartamento nestes condomínios, estarão “comprando” também um novo conceito de morar, um novo estilo de vida. Estilo este que prescinde ou quase prescinde

da cidade. Isto é: esquivar-se da necessidade de encontrar com estranhos, característica das cidades modernas (RODRIGUES, s/d).

Em meio a essas estratégias de evitar o estranho, fazemos da presença do outro irrelevante, não se reconhece o seu corpo, suas expressões. O outro é colocado na esfera da desatenção, da indiferença. Bauman (1997) afirma que para viver com estranhos é importante dominar a arte do “mau – encontro” onde, já que não é possível mantê-los fora do espaço, a solução é um encontro que não é exatamente um encontro, parecendo mais um desencontro. Um estar junto empobrecido e sem conteúdo que não envolve engajamento e comprometimento. Um estar com o outro de forma deficiente; lado a lado, mas infinitamente distantes.

O efeito geral de desenvolver a arte do mau-encontro é “dessocializar” o espaço potencialmente social em redor, ou impedir que o espaço físico em que alguém se move torne-se espaço social – espaço com regras de comprometimento e interação (BAUMAN, 1997, p.178).

2 OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A realização desse trabalho exigiu de nós um exercício de campo, a busca por eventos, acontecimentos que perpassam as relações sociais no espaço urbano, de modo que pudéssemos refletir os modos de vida citadinos e a nossa ocupação nesse lugar.

Desse modo, saímos pelas ruas da cidade de Vitória, Espírito Santo, com uma câmera digital, para capturar imagens e vídeos que demarcassem os eventos/acontecimentos construídos nas relações entre as pessoas, em diferentes espaços – shopping, teatro, aeroporto, feira, ruas, dentre outros.

A partir das observações e registros realizados, buscamos propor algumas análises sobre os modos de ser e estar no mundo que cotidianamente estamos construindo.

3 DIÁRIO DE BORDO

Meninos da rua, meninos que vendem balas no ônibus, ciganos... Decidimos então nós mesmos, ou nada. Algo sem forma dada. Não vamos filmar o diferente, mas tentar capturar essa diferença que se afugenta entre nós mesmos, uma diferença que se dá quase em um plano invisível. É ligar a câmera e esperar, e caminhar, e mergulhar nesse mundo de acontecimentos.

Onde estivemos, nós e nossa câmera? Nosso primeiro trabalho foi no Teatro da UFES, local em que acontecia uma peça com uma atriz reconhecida nacionalmente e o fluxo de pessoas era muito grande. Lá, sentamos perto da bilheteria (a câmera ficou no chão, entre dois integrantes do grupo). Ir ao teatro é coisa de elite. Os intelectuais. Uma multidão alvoroçada que se esbarrava entre os seus, entre os outros. E a vida rola...

Depois, seguimos até a Avenida Fernando Ferrari à noite, com suas luzes bonitas e alguns carros passando rapidamente... Ao fundo, uma imagem bonita, da bandeira do

Brasil, iluminada, tremulando, chamava nossa atenção, quase pedindo para ser filmada...

E essa Avenida, como ela é durante o dia? Voltamos do mesmo ponto em que estivemos na noite anterior, para registrar os diferentes momentos, as diferentes dinâmicas que se dão em um mesmo lugar.

De lá, à tardinha, seguimos para o ponto de ônibus, cheio, bem cheio de gente. Pessoas querendo ir embora de um dia cheio de afazeres na Universidade, outras chegando de um dia cheio de afazeres em outros locais... Muitas pessoas passaram por aquele ponto nos dez minutos que lá estivemos.

Nosso percurso continuou em uma pracinha do bairro Jardim da Penha, pela manhã, e lá, nossa câmera escolheu focar a faixa de pedestres. O medo do roubo era uma constante. Um integrante do grupo sentado, sozinho... Queria que alguém conhecido, com quem tinha marcado, chegasse logo. Tensão, olhar para os lados, freneticamente, com a sensação de que o tempo demorava muito para passar... *Que bom que ele chegou!* Estar com a câmera na presença de outro era sempre mais fácil. Talvez porque pudéssemos dividir a angústia, ou a vergonha, ou a responsabilidade da ação, ou o medo.

Pensamos então em um Shopping. E não só nosso grupo, mas também muitos outros que estavam no mesmo ônibus que nós, local que também foi alvo de nossas atenções para esse trabalho. Fomos às compras... A sensação natalina que já se infiltra nas poeiras da cidade. Mesmo com a crise financeira, os presentes ainda parecem contagiar os passos da multidão que passa pelo shopping. A verdade é que não precisa de data para que o desejo de consumo aflore-se. Ele acompanha-nos o tempo todo. A ocasião é só mais um aliado. Diferente das ruas, esse é um lugar que os andares são mais calmos, os passos mais desacelerados, parece não haver ponto de chegada. Talvez, por isso, os shoppings sejam cíclicos, para se rodar, rodar, perceber que é impossível nos saciarmos, que os objetos de consumo são intermináveis, ao mesmo tempo em que são cada vez menos necessários, e por isso mesmo, mais efêmeros, voláteis. É uma questão de desejo.

O *shopping center*, além de produzir uma imagem de segurança, é construído num modelo de arquitetura que não revela a noção de dia ou de noite. Não tem relógios, e é um labirinto, no qual as vitrines funcionam como “espelhos” e os pisos escorregadios fazem com que os consumidores andem cautelosamente para ter tempo de ver as vitrines. O *shopping center* se constrói numa “arquitetura” que proíbe o “vagabundo”; é o local para o *surf* dos “turistas”, um “modelo de pureza” parafraseando Bauman (1998). Entretanto, é um espaço aberto, livre, para os que podem consumir (ou não) (TAVARES, IRVING, 2007, p.103).

Mas lá também, lá dentro, temos atração. Está certo que é um pouco diferente daquela que vimos nos sinais quando estávamos a caminho. Não tem nada a ver com aqueles malabaristas em frente ao McDonald's que demonstravam suas habilidades. Um manuseio com bolas e bastões em cima dos ombros do companheiro, quase um circo, mas sem muitos interessados. Tanto é que na hora dos malabaristas recolherem o “*couver* artístico” dos espectadores que estavam nos carros parados no sinal, só se viu vidros fechados e faces indiferentes, em reação aos gestos mudos do “artista” que estava do lado de fora. Já na outra atração, que se passava dentro shopping, com crianças de

boas escolas, bem vestidas, penteadas e com muitos “dotes artísticos” viam-se vários interessados. As máquinas e flashes eram intermináveis. Aqueles sim, todos queriam ver. Brigavam para ver quem ficava na frente... Sempre a máquina do outro atrapalhava a minha que carregava um ângulo não tão bom do meu filho.

As duas atrações eram belas, mas cada uma a seu modo. Cada uma com seus admiradores. Cada uma com suas “recompensas”. Cada um consome e é consumido do jeito que dá.

Pela segunda vez, os olhares que localizavam a nossa máquina percorrendo os movimentos, imediatamente faziam-se franzidos e desconfiados. O que acontecia, muitas vezes, era um mostrar para o outro a câmera e alertar que a gravação acontecia. Nesse momento, alguns riam, outros fingiam que não tinham visto e continuavam “normalmente” o que faziam, outros corriam... Os que usam fardas, então, são os que rapidamente estufam o peito e ameaçam se aproximar. Eles rodeavam, pareciam vigiar o que estávamos filmando ou tentar entender o que e para que fazíamos. Deixavam-nos com a sensação de que “seria agora” que não poderíamos continuar. Os vendedores das lojas também não gostavam muito.

Em quase todas nossas andanças, sentimo-nos incomodados, apreensivos, imaginando “o que as pessoas irão pensar”; com medo de alguém nos chamar a atenção, perguntar “*o que que você ‘tá’ filmando aí*”, “*eu te autorizei a me filmar*”, “*onde você vai mostrar isso*”; ou, serem mais agressivos e tomarem a câmera de nossas mãos (ou de perto da gente, pois esta, muitas vezes, estava no chão ou sobre a mesa, ao nosso alcance). Isso, porém, nunca aconteceu. Apesar dos olhares estranhos, atravessados, ninguém nunca chegou pra gente e nos perguntou/afirmou/exclamou nada! Pelo menos direcionado a alguém do grupo.

Seguimos para os encontros e desencontros que se passam no Aeroporto. Alguns na espera, com saudade, outros na espera, com pressa para acabar logo a tarefa de encontrar a pessoa importante que iria buscar a mando do chefe. Para esse encontro, claro, usa-se a plaquinha de identificação. Alguns reencontros com longos abraços, outros só um selinho, um aceno de mão. Os bancos cheios de gente muda, como se dentro dessa espera, seja do avião que está para chegar ou do avião que está para partir, não tivesse outra coisa para fazer, a não ser forçar uma paralisia facial com o pescoço sempre para frente. Poucas vezes os movimentos ao redor os interessavam a ponto de fazerem seguir com os olhos. Claro que quando se trata de uma câmera, todos olham desconfiados. Mais uma vez o guarda bem fardado até chega perto, bem perto, mas passa reto [*ufa! – Não percebeu? Sim, ele estava olhando, está nos vigiando...*]. A cidade tenta também estar lá dentro. Temos o engraxate, os apressados, os olhares que evitam serem cruzados, as lojas, as guloseimas, as lembranças... Mas é uma cidade que comporta menor diferença. São quase todos muito parecidos, muitos são homens e mulheres de negócios, bem vestidos, aqueles do tipo com “destino certo”.

Na missão de encontrarmos uma sala de espera passível de filmagem, fomos para um hospital particular onde com tantas burocracias declaradas numa fala ininterrupta de uns 10 minutos... Era melhor ter dito de cara que não podíamos fazer aquele tipo de trabalho. Indicou-nos que, talvez, o processo seria mais fácil em um hospital público e, mais fácil ainda, no hospital de nossa universidade. Mas antes, uma parada, no saguão do hospital. Algo chamou nossa atenção. A propósito, por mais estranho que soe, lá

dentro tinha algo também de atração artística. Lindos quadros, pintados ao que parece por/com clientes do hospital. De cara uma afetação. Um quadro com um mar infundo, revolto, azul. Um céu com uma cor laranja quente. E no canto um homem com seu pequeno barco e seus remos, tão cansado que chegava a estar encurvado, prostrado diante da revolução das ondas e da imensidão do mar. A tela nos contava isso, mostrava com clareza através daquelas composições de cores que a situação não estava fácil, e que se beirava a desistência na luta contra as ondas. Não era a toa que o título do quadro era “Sem ar”, apesar da imensidão de oxigênio disponível em cima das águas.

Seguindo em frente, a próxima parada foi no hospital público da UFES. Depois da luta para encontrar um estacionamento (são muitos carros nesse mundo e, num mundo tão grande, parece cada vez mais difícil encontrar onde eles podem ficar!), encontramos um médico conhecido que nos ajudaria a conseguir autorização da direção do hospital para a realização das filmagens. Conseguimos chegar à direção, mas a burocracia não foi diferente. Segundo “a responsável” o assunto era uma ‘questão ética’ relacionada a seus clientes/pacientes e já era o terceiro grupo, só naquele dia, que aparecia pedindo quase a mesma coisa. “*Acho que são demandas dessa nova sociedade, né, novas tecnologias...*”. Se antes (nos outros locais em que estivemos) o medo de filmar era só nosso, agora também era dos ‘responsáveis’ por esses locais que estávamos indo. Os cuidados são tantos que a permissão do nosso trabalho ficou pra ser decidida na próxima reunião, com todos “os responsáveis” por aquele lugar. “*Deixa seu telefone, e o seu também, eu ligo!*”. Enquanto isso a gente espera...

Última parada do dia foi na Feira do Verde, multidões, mas com agitação, empolgação, folia. Crianças de várias escolas, vários lugares. O mundo voltado para a preservação da natureza... inclusive a VALE, a ARCELOR...Cansamos e acabamos voltando à pé, esgotados. Na esquina de casa, bom foi a água de coco do senhorzinho que nesse rápido encontro me contou dos seus sete filhos, dois netos e do casamento de 39 anos... O suco de laranja da padaria, junto com uns pãezinhos. E uma parada na farmácia, pois meu remédio de dor de cabeça acabou. Isso tudo na cidade.

Com tamanha burocracia, e porque o telefone de ninguém tocou, decidimos que não mais faríamos a segunda etapa de nosso projeto – a etapa de projeção e discussão - em salas de espera, mas em uma escola em que a mãe de uma integrante do grupo era pedagoga.

Mas antes disso, tinha a edição dessas muitas, muitas, muitas imagens. E sentamos e vimos todas elas, vimos e vimos de novo, buscando os detalhes, o que o olho vê todo dia e o que o passa, muitas vezes, sem nos darmos conta. E naquelas andanças, muitas coisas passaram-se e passaram por nós e não percebemos. As imagens nos mostravam isso. Queríamos evidenciar as relações entre estranhos, aqueles maus-encontros que falávamos acima, mas também queríamos destacar as coisas que escapam, os diferentes modos de estar na cidade, os que percebemos de cara, ao vivo, e os que só nos demos conta depois, com o rodar das imagens.

A preocupação agora era o que escrever, quais dizeres entrarão nesse vídeo? Estávamos preocupados o quão difícil seria a linguagem do mesmo. Mas confiamos, afinal, as imagens diziam muito mais que aquele monte de letras.

Dois dias (e alguns erros de *software*) depois e tínhamos o vídeo para a segunda etapa.

Seguimos então para uma escola municipal de Vitória e lá apresentamos as imagens da cidade, aceleradas ou desaceleradas, com nossos destaques, para as turmas do primeiro segmento - intermediário e conclusivo da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Na escola, disseram-nos que os alunos daquela turma “*não gostavam de falar muito, não eram participativos*”. O frio na barriga aumentou. Lá, explicamos nosso trabalho, quem éramos, de onde éramos, o porquê estávamos lá e o quanto importante para nós estava sendo aquele momento. Eles estavam sendo também autores desse trabalho, ajudando-nos a pensá-lo, a escrevê-lo. Dissemos isso. Já aí, alguém se manifestou... Sim, um senhor dessa tímida turma, começou a falar sobre sua vida antes da mudança para a cidade grande, sua vida no interior. Apagam-se as luzes e as cenas aparecem na tela para projeção. Todos em silêncio, atentos.

Ao final, falamos, nós e eles, de nossas afetações, da vida dura de hoje, do medo na/da cidade, do tempo “quando eu era pequeno”, das crianças e de como elas são abertas para o diferente, curiosas, da vida, da possibilidade de fazer/ser diferente. Talvez eles não estivessem tão tímidos quanto nos disseram por que falavam de coisas da vida.

E foi bom e bonito. E sem nenhuma burocracia, só carinho, acolhimento. Depois, durante a apresentação de um outro grupo da Psicologia, de uma outra faculdade, que por acaso, realizava o encerramento das atividades naquele dia, o pedido de uma professora de mais trabalhos naquela escola, “*onde os alunos eram tão carentes e tão esquecidos*”.

4 “NÃO FALE COM ESTRANHOS...”

Pensar um trabalho de ética é um ato político. É pegar-nos a todo tempo pensando sobre nós, sobre o que temos feito do mundo, para onde isso está nos levando. É atentarmos para o que temos sido. Perceber o mundo sendo perturbado pelo outro. Sensações estas que julgamos indispensáveis para notar o que não podemos ver a olho nu, mas só conseguimos enxergar com o corpo, com um corpo que vibra, com ele podemos ver mais que formas. Descarregados das obviedades e certezas podemos ver/sentir os movimentos, as produções e as possibilidades já que uma abertura para esse campo do sensível já é também uma abertura para invenção de outras formas de existência.

A pele é um tecido vivo e móvel, feito das forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc. Como estes meios, além de variarem ao longo do tempo, fazem entre si diferentes combinações, outras forças entram constantemente em jogo, que vão misturar-se às já existentes, numa dinâmica incessante de atração e repulsa. Formam-se na pele constelações, as mais diversas que vão se acumulando até que um diagrama inusitado de relações de força se configure. Nesse momento, nosso olho vibrátil capta na pele uma certa inquietação, como se algo estivesse fora do lugar ou de foco (ROLNIK, 1997).

Longe de falarmos de um ideal de cidade e de estar nela, afirmamos o poder de disruptão que pode perturbar a forma urbana que está colocada. Até porque a cidade abriga uma infinidade de tipos diferentes, de forma que, por mais que se tente, não há como sair ileso ao transitar pela cidade. Divulga-se e produz-se uma forma de vida onde se evita o desconhecido de forma que é melhor não chegar perto. Se tiver que conviver,

que sejam sempre encontros rápidos e superficiais sem qualquer interesse. Pensar Bauman, e a proposta dos encontros com o outro é perceber-nos a todo o momento vivendo essa forma individualista, onde os nossos próximos (a quem amamos) são só aqueles que temos algo em comum. Ou seja, na *verdade*, amamos a nós mesmos. E pronto.

Em suas discussões, o autor relata-nos como se tem vivido frente aos estranhos e como vêm se dando os encontros com os mesmos.

É melhor não se encontrar absolutamente com estranhos. Como não se pode manter-se realmente afastado do espaço que eles ocupam ou partilham, a próxima solução melhor é um encontro que não é exatamente um encontro, mas um encontro pretendendo não ser um encontro (...), um “mau encontro” (BAUMAN, 1997, p.176-177).

Essas ações acabam por transformar a afetação advinda da variedade e das diferenças em desconfiança e medo, de forma que a beleza atrativa, conseqüente do movimento urbano, da arte que compõe as ruas o tempo todo, dos passos seguindo os caminhos mais diversos, das zonas de entrecruzamento, em perigo e o jeito é o afastamento a fim de nos dividirmos em guetos, condomínios, vidros fechados, porque esse ar urbano não traz mais encanto, embalo, contatos, mas só perigo e receio. Nossas relações, assim, vêm se tornando, frágeis, superficiais...

Uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa “flexibilidade”) marcam todas as espécies de vínculos sociais que, uma década atrás, combinaram-se para constituir um arcabouço duradouro e fidedigno dentro do qual se pôde tecer com segurança uma rede de interações humanas (BAUMAN, 2004, p. 112-113).

Com a publicação e produção dessa forma de se organizar com os habitantes urbanos (seja humano ou qualquer outra composição), perde-se o poder de força, de contágio, onde é cada um por si. Individualização das potências que eram pra ser coletivas numa outra forma de organização da cidade. Outros trejeitos de transitar no espaço urbano, nessa cidade que não se dá só nas ruas, nas calçadas, nos centros, mas em todos os lugares, em casa, na universidade. Aqui cabe pensar onde está a cidade que nos habita ou que habitamos nós?

Como se dá em nós a ocupação desse lugar, de suas regras, das organizações. Como entendemos o respeito à sinalização do trânsito, das faixas de pedestre, dos lugares reservados aos idosos, das filas prioritárias às grávidas, das vagas destinadas aos deficientes físicos. Como nos apropriamos das formas de vida que estão colocadas no nosso espaço? Pois as regras podem muito bem ser obedecidas e só obedecidas. De forma que quando eu estou certo diante das regras, tenho autorização para exigir com que meu direito seja garantido. Então, eu buzino para a senhora que termina de atravessar justo na hora que o sinal me autoriza a seguir em frente. Quase não se resta a cortesia, a camaradagem. Regras são regras.

Pensar nossas práticas cotidianas, porém, não visa um ideal revolucionário. A ideia não é, nem de longe, afirmar uma forma certa ou errada de estar na cidade, mas a proposta de pensar isso é nos atentarmos para as tentativas cotidianas que temos, colocando o pensamento para se compromissar com esse plano micro, que ocorre a todo tempo. A

ideia é nos aliançarmos com o imprevisível e com a invenção, despindo-nos de nossas crostas para deixar a pele sentir para além do que está dado.

Entendemos que essas possibilidades já habitam em nós, o que carecemos é de arrombarmos os grilhões que tendem a nos manter os mesmos e nos liberarmos para um exercício de transformação e invenção a partir de uma abertura no campo do sensível.

5 BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed, 2003.

BAUMAN, Z. Espaços sociais: Cognitivo, Estético e Moral. **Ética pós-moderna**; São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Z. Individualidade. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2001.

BAUMAN, Z. Sobre a dificuldade de amar o próximo. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

RODRIGUES, A. **A Politização do Vazio**. Disponível em:
<http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas_SEU2007_files/Ana_Rodrigues2.pdf>

ROLNIK, S. A vida na berlinda: Como a mídia aterroriza com o jogo entre subjetividade-lixo e subjetividade-luxo. Revista Trópico, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1338,1.shl.->>

ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. Núcleo de Estudos da Subjetividade, 1997. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf1.>>

TAVARES, F.; IRVING, M. Do sólido ao líquido: consumo, logo existo? *Comum* - Rio de Janeiro - v.13, n.29, p. 90-116 - julho /dezembro 2007. Disponível em:
<<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum29/Artigo5.pdf>>

A HISTERIA E A CASTRAÇÃO DO OUTRO

Dalton Demoner Figueiredo¹

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão acerca da neurose histérica a partir de reflexões psicanalíticas. E, faz parte da dissertação de mestrado, concluída há dois anos, a fim de pensar o travestismo nas diferentes estruturas psíquicas e que aqui, somente, trata-se da histeria masculina. Utiliza-se a referência inicial Sigmund Freud e Jacques Lacan, seu sucessor, em seu retorno a obra inicial de Freud. Para tanto, percorre-se tanto a primeira, como a segunda tópica da obra freudiana. Pontuamos a liberdade de se prosseguir com a discussão acerca da temática aqui apresentada, dada que a estruturação é subjetiva, ou seja, o sujeito se reconhece a partir do Outro.

Palavras-chave: Psicanálise. Histeria masculina. Castração. Outro.

ABSTRACT

The article presents a discussion of hysterical neurosis from psychoanalytic reflections. And is part of the dissertation, completed two years ago, in order to think transvestism in different psychic structures and here only, it is the male hysteria. We use the initial reference Sigmund Freud and Jacques Lacan, his successor, on his return to Freud's early work. For that scrolls through both the first, as the second topic of Freud's work. We pointed at liberty to proceed with the discussion of the issue at hand here, given that the structure is subjective, ie, the subject recognizes himself from the Other.

Keywords: Psychoanalysis. Male hysteria. Castration. Other.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Pós-graduado em Psicologia Clínica: teorias psicanalíticas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA-RJ), Doutorando em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA-RJ), Coordenador de Saúde Mental do município de Jaguaré-ES, Professor do Curso de Psicologia da Faculdade Capixaba de Nova Venécia – Multivix. E-mail: daltondemoner@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O artigo faz parte da pesquisa e dissertação de mestrado em *Psicanálise, Saúde e Sociedade* – concluída em 2012 – sob a orientação de Antonio Quinet. Assim, seguiram-se as referências psicanalíticas Sigmund Freud e Jacques Lacan, em seu retorno a obra inicial; interessa-se aqui pela contribuição do entendimento da histeria masculina a fim de pensar o travestismo nas diferentes estruturas psíquicas de personalidade.

Em seu seminário, *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan faz alusões à questão que nos interessa. Ele assinala que não há em Freud, nos *Estudos sobre a histeria*, onde se possa afirmar que a resistência vem do *eu*. Sustenta, sobretudo, que o centro da gravidade do sujeito é essa síntese do passado que se chama história.

O que se passa quando Freud repete a uma paciente histérica uma história contada por sua mãe? A paciente responde com uma pequena crise de histeria, é a resposta pelo sintoma. Freud em seus *estudos sobre a histeria* afirma que o que é buscado é o núcleo patogênico, e que este último rejeita o discurso.

É aí, diz Lacan, que começa a técnica analítica porque a rememoração do trauma se mostra terapêutica. E, já para começar, toma partido: é ambíguo falar do caráter vivido, revivido do traumatismo no estado secundário histérico. Não é porque o discurso seja dramatizado, representado sob um aspecto patético que a palavra revivida pode nos satisfazer.

Para ele, a questão é saber quem é o sujeito do discurso. Exatamente sobre isso é que ele se deterá - dois anos depois - afirmando que, na neurose, o elemento determinante é o Outro da linguagem, no qual o sujeito se reconhece e se faz reconhecer.

O reconhecimento de uma estrutura clínica – neurose, perversão e psicose - requer um outro referencial. Tais denominações jamais são pejorativas, apenas indicam que são estruturas clínicas. O conceito central em torno do qual vai girar a possibilidade de um diagnóstico diferencial, em termos de estrutura clínica, é o conceito de *castração*. Portanto, a partir da noção de constituição do sujeito, temos que nesse processo estará envolvido o reconhecimento por parte da criança à castração: a de si própria e a do Outro, inicialmente encarnado na figura da mãe.

Temos, assim, que o sujeito em relação à neurose, foi confrontado com a castração do Outro e que, portanto, ele *sabe* dessa castração. Entretanto, pelo recalque – no original, em alemão: *Verdrängung* - *esse saber* é afastado do plano consciente, e o sujeito, mesmo sabendo, faz como se disso não soubesse. Podemos dizer que a neurose está estruturada em torno desse *saber* inconsciente, a partir da ação do recalque. Esse é o fundamento da neurose, presente, tanto na histeria quanto na neurose obsessiva. No entanto, podemos dizer que o recalque da castração do Outro é o mecanismo por excelência da histeria.

Freud, em 1908, escreve o artigo: *Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade*; por perceber a importância das fantasias como base dos sintomas

históricos. Embora fizesse uma comunicação particular de suas descobertas a Fliess⁶, Freud já tinha em mente a importância das fantasias dos pacientes histéricos, em detrimento da realidade externa. Ele coloca como o papel das fantasias o que determinaria os sintomas neuróticos.

O assunto das fantasias parece ser um tema dominante de Freud na época deste artigo, é um novo exame da relação entre fantasias e sintomas. Deve ser assinalado, aliás, que são abordados em outros artigos: *As teorias sexuais das crianças*; *Sobre romances familiares*; *Sobre escritos criativos e devaneios*; *Sobre ataques histéricos*; *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*.

Tais fantasias - que em tenra infância foram conscientes e aliadas do ato masturbatório - vão sendo, gradualmente, deixadas de lado, tornando-se inconscientes, à medida que o sujeito tenta se desvencilhar da satisfação infantil da masturbação. Diante do fracasso desta determinação, tais fantasias vazam através da formação dos sintomas, sendo estes representações das mesmas.

O que Freud pontua, no caso das histéricas, é que tais fantasias são auxiliares da auto-excitação masturbatória; a partir delas seria montada uma encenação do ato sexual, sendo que a mulher, neste caso, faria o papel de ambos os sexos. As fantasias estariam, assim, na base do caráter bissexual da histeria.

Lacan abre um parêntese em seu estudo sobre *as psicoses*, no seminário - livro III - para compará-la à questão da histeria. Ele propõe um estudo sobre o papel da linguagem na economia das psicoses, recorrendo a uma análise da *questão histórica* no que isso tem de tocante com a questão do *presidente Schreber*. Para isso, esclarece acerca dos mecanismos imaginários que dificultam a passagem da fala, meio de acesso ao inconsciente.

Dessa forma, pontua que o fenômeno psicanalítico não é, refletindo sobre as comunicações pré-verbais, a soma de impressões, internas ou externas, das informações que o sujeito recebe do mundo e das relações que estabelece com o mesmo. Dentre estes discursos, Lacan identifica o das reivindicações como pobre e repetitivo, uma demanda sem fim de algo inacessível e que é transmutado para o que se põe da vida ao sujeito.

Lacan dedica a isso, duas lições, respectivamente: *a questão histórica*; e *a questão histórica (II): o que é uma mulher?*. Passando analisar um caso de histeria masculina, uma observação de histeria traumática, que é descrita por J. Eisler - em 1921 - na qual a base da questão encontrava-se na fantasia de procriação; relacionando este caso com a fantasia delirante de *Schreber*. Identificando, desta maneira, a histeria masculina como uma interrogação do sujeito sobre sua identidade sexual, ser homem ou ser mulher: *to be or not to be?* Eis, a questão - parafraseando William Shakespeare.

1.1 DESCRIÇÃO DO CASO

Trata-se de um homem de 33 anos, condutor de trem, cuja doença começa depois de um acidente que provocou sua queda do veículo. É levado ao hospital, nada é constatado.

⁶ Ver, por exemplo, as cartas de 7 de julho e 21 de setembro de 1897: FREUD, 1950a, Cartas 66 e 69).

Somente mais tarde é que vão começar as crises de dor na primeira costela e as perdas de consciência. Nada encontrado, fala-se de histeria traumática e enviam-no a Eisler.

Lacan assinala que, em 1921, Eisler interessa-se muito pela análise das resistências e pelo *moi* de seu paciente. Para Eisler, o desencadeamento da neurose é devido ao trauma, mas Lacan observa que, na infância de todo sujeito, há grande ocorrência de traumas. O que provocou a ‘descompensação’ da neurose não foi o acidente, mas as radiografias realizadas depois. Pelo seu modo, sua periodicidade, as crises fazem pensar em uma fantasia de gravidez.

A questão que impõe este sujeito é a seguinte: “*Sou ou não sou capaz de procriar?*”. Esta questão situa-se ao nível do Outro, de modo que a integração da sexualidade esteja ligada ao reconhecimento simbólico. Já vemos aí destacar-se o ‘pequeno outro imaginário’, o pequeno semelhante, sobre o qual repousa minha imagem especular e ao qual meu eu pode vir a se identificar-se, do grande Outro. Lugar simbólico, lugar ao qual se endereça todo discurso.

O médico que seguia este paciente de Eisler disse à sua mãe: “*Eu não consigo atinar para o que ele tem. Parece que, se ele fosse uma mulher, eu compreenderia melhor*”. Na sua infância, esse paciente tinha sido testemunha de uma cena de parto aterradora: Uma vizinha, depois de longos períodos de contorções, de pernas atiradas para o alto e de gemidos, tinha dado à luz uma criança que tiveram de seccionar em partes.

Lacan - observa nele - não somente uma fantasia de gravidez, mas uma fantasia de fragmentação anatômica. Insiste na questão da fantasia, para distinguir a questão da neurose daquela da psicose, particularmente com o *caso Schreber*.

A questão desse sujeito situa-se no nível do ser, ele se pergunta quem ele é: homem ou mulher?. Aliás, seus interesses, pelas galinhas ou pela botânica, giram em torno da germinação. Quando cai do trem, ele desaba, ele é parido. É o que as radiografias do interior de seu corpo irão confirmar. Ainda aí, não se trata de uma questão de escolha de objeto, mas de uma dificuldade de identificação simbólica.

Se o simbólico da uma forma na qual se insere o sujeito ao nível de seu ser, há algo que escapa a sua trama, é a procriação. Quando se considera a questão do histórico masculino, trata-se, de fato, da posição feminina. Freud esclarece que a posição feminina culmina pela fantasia de procriação, como também se pode ver no caso do pintor *Christoph Haizmann*⁷.

O caso relata a história de um pintor que convivia com aparições do *Demônio*. Para Freud, nas relações do pintor com o *Demônio* possuía, mais uma vez, uma referência sexual. Na primeira ocasião, ele viu o *Maligno*⁸ sob a forma de um honesto cidadão. Já na segunda ocasião o *Diabo* estava nu e disforme, e tinha dois seios femininos. Essa ênfase do caráter sexual feminino, pela introdução de grandes e pendentes seios está fadada a parecer-nos uma contradição notável da hipótese de que o *Demônio* tinha o significado de um substituto paterno para o pintor.

⁷ FREUD, S. 1923[1922]. *Uma neurose demoníaca do século XVII*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIX, p.83.

⁸ Idem, p.105.

Para Freud, essas duas indicações ligeiras dão-nos uma ideia de qual fator típico determina o lado negativo da relação do pintor com o pai: *Aquilo contra o que está se rebelando e a sua atitude feminina para com o pai, que culmina pela fantasia de dar-lhe um filho*⁹.

A posição feminina possui um fator comum que se expressa através da questão da procriação. Este problema só pode ser posto depois de simbolizada a identidade sexual. Lacan ainda relaciona a questão do nascimento com a morte, declarando que: *nada explica que seja preciso que seres morram para que outros nasçam*¹⁰. Esta questão remete a todo ciclo vital, repetitivo, finito e infinito, ao mesmo tempo.

Lacan aborda a histeria de diversas maneiras ao longo de seu ensino. Faz da histeria uma maneira especial de desejar: trata-se do desejo que se sustenta na insatisfação. O histérico, portanto, é o que melhor demonstra que o desejo inconsciente é o desejo do Outro, pois não deseja sem desejar o desejo do Outro no qual o seu próprio desejo está amarrado: *“O que é ser mulher?”*, e respondido por *Margarida*, como sendo ele: um travesti carioca – entrevistado pessoalmente.

E, o que se desdobra em: *“Sou capaz de procriar? Sou homem ou sou mulher?”*. Eis o histérico, ilustrado pelo travesti *Margarida*, um sujeito dividido em relação ao sexo. No seminário livro 3 - *As psicoses* - Lacan diz que a estrutura de uma neurose é essencialmente uma questão.

Trata-se de uma questão que se coloca para o sujeito no plano do significante, no plano do *to be or not to be*, no plano de seu ser. O que está em discussão é a questão: *Quem sou eu, um homem ou mulher?* É uma relação de ser, diz Lacan, sendo um significante fundamental. Quanto ao gênero, propõe que o histérico, seja homem ou mulher, *banca o homem*.

A histeria enquanto estrutura psíquica interessa tanto a mulher como ao homem. Na obra de Freud contém análises de casos de histeria masculina, para isto, basta percorrer alguns textos: *Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico; Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen; Uma neurose demoníaca do século XVII*.

Do ponto de vista da sintomatologia clínica, a histeria masculina não consegue se distinguir da histeria feminina. Afinal, a elaboração psíquica e a função disfarçada dos sintomas têm papéis comparáveis para os dois sexos.

A origem da clivagem da sexualidade histérica está ligada a uma fantasia inconsciente. Seja qual for a variação em que essa fantasia se apresente, são expressões; por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e; por outro lado, de uma feminina. Ou seja: *uma de caráter feminino e outra de caráter masculino*. Como no exemplo da *paciente que pressionava o vestido contra o corpo com uma das mãos (como mulher), enquanto tentava arrancá-lo com a outra*¹¹.

Freud acrescenta que quem estudar a histeria, portanto, logo transferirá seu interesse dos sintomas para as fantasias que lhe deram origem. Dessa forma, as fantasias são os precursores psíquicos imediatos de toda uma série de sintomas.

⁹ Idem, p.105.

¹⁰ LACAN, J. 1956/1988, p.205

¹¹ FREUD, S. 1908, p.154.

Com sua importância prática, Freud cita os casos nos quais os histéricos não dão expressão as suas fantasias sob a forma de sintomas, mas como realizações conscientes, e assim tramam e encenam estupros, ataques ou atos de agressão sexual, como o exemplo da jovem do vestido citado anteriormente, ou como propõe a pesquisa, na fantasia no travesti: “*Ah, você sente que está virando mulher. Eu tinha loucura para engravidar. Quando eu vi os meus peitos crescerem, eu dizia: eu sou mulher mesmo. Mas aquilo de engravidar era coisa só para mim, não falava para ninguém. Ah, era uma fantasia*” – discurso do travesti entrevistado, Kellen.

O homem se mostra como tal mais do que mostra alguma coisa. O fazer parecer sustentando-se sempre pelo olhar do outro é, então, aquilo através de que o sujeito pode gozar fantasmaticamente, o juízo que supõe desaprovador ou hostil a seu respeito. Em outros termos, tudo se passa como se a relação desejante se fundasse na necessidade de se dever justificar ‘ter’ o que a mulher demanda, isto é, o *falo*.

Na histeria masculina, a sedução se constitui com o suporte privilegiado de uma negociação de amor. Para se certificar de ser amado por todos, o histérico masculino oferece seu próprio amor sem se poupar. Todavia, querer ser amado por todos é, sobretudo, não querer perder nenhum objeto de amor. Encontramos aí um dos componentes preponderantes da histeria: a *insatisfação*. De fato, não há histeria, sem que advenha, a um dado momento ou outro, esta disposição que consiste em fazer advir idealmente à verdade, mesmo ao preço de desvelar, ante um terceiro, o jogo do desejo do outro.

O histérico tem uma afeição particular pela dimensão do *semblante*, na medida em que é aí que ele pode entrar no desafio e sustentá-lo. Para o histérico masculino, a mulher constitui, de fato, o objeto por excelência que lhe permite descobrir-se em relação à posse do objeto fálico. Não se sentindo investido ao nível da atribuição fálica, o histérico masculino responde com facilidade aos desejos de uma mulher sobre o modo de *não ter o pênis*, ou de não tê-lo completamente.

Como bem tenta o travesti a esconder a verdade em seu corpo na fantasia de ser uma mulher. A verdade descoberta ao abrir das roupas que ocupam um lugar de ‘cortina do palco’ - o corpo do travesti - no momento em que a realidade encerra a fantasia, como bem diz Freud, *encerra a sua satisfação sexual, ou em ideia ou na realidade*¹².

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função essencial da imagem do corpo nos esclarece sobre a maneira como o sujeito se apoia em suas relações com o mundo. E, é assim que encerramos o artigo, no ponto que orienta as estruturas clínicas: como o sujeito se coloca frente à castração do Outro. Salienta-se também que, a reflexão continua e não se esgota a temática por aqui. O que justifica novos trabalhos em breve.

¹² FREUD, S. 1908, p. 149.

3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **Histeria**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.I, 1996, p.95-110.

_____. (1983). **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.II, 1996, p.39-56.

_____. (1896) **A etiologia da histeria**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.III, 1996, p.189-220.

_____. (1907[1906]). **Delírios e sonhos na gradiva de Jensen**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.IX, 1996, p.19-86.

_____. (1907). **Esclarecimento sexual das crianças**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.IX, 1996, p.123-134.

_____. (1907). **Escritos criativos e devaneio**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.IX, 1996, p.135-148.

_____. (1908). **Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.IX, 1996, p.149-158.

_____. (1908). **Sobre as teorias sexuais das crianças**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.IX, 1996, p.191-208.

_____. (1908). **Romances familiares**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.IX, 1996, p.219-224.

_____. (1911). **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.XII, 1996, p.13-86.

_____. (1923). **Uma neurose demoníaca do século XVII**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.XIX, 1996, p.81-120.

_____. (1923). **A organização sexual infantil**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.XIX, 1996, p.153-162.

_____. (1924[1923]). **Neurose e psicose**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.XIX, 1996, p.163-172.

_____. (1931). **Sexualidade feminina**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.XXI, 1996, p.229-254.

_____. (1933[1932]). **Feminilidade**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol.XXII, 1996, p.113-134.

LACAN, Jacques. **Os escritos técnicos de Freud**: seminário livro 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. **As psicoses**: seminário livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

QUINET, Antônio. **A Descoberta do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

SILVA, Hélio R. S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

A IMPORTANCIA DA RELAÇÃO EU – TU PARA O PROCESSO DE TORNAR-SE PESSOA

Daniely de Oliveira Lorenzon¹

RESUMO

Este artigo pretende analisar a percepção da relação terapêutica pelo cliente atendido em uma instituição filantrópica e como esta relação contribui para as mudanças terapêuticas. Utiliza-se como referencial teórico a Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carl Rogers e a filosofia do diálogo de Martin Buber. O método que embasa este trabalho é o fenomenológico, sendo a coleta das informações obtidas nos diários de sessões e entrevista com pergunta aberta. Foram analisados os atendimentos de quatro clientes, com média de 26 atendimentos cada. Verifica-se a relevância do estabelecendo de uma relação Eu – Tu no processo terapêutico e a importância de uma atitude positiva do terapeuta, permitindo ao cliente alcançar a plenitude de ser pessoa.

Palavras-chave: Relação Terapêutica. Relação Dialógica. Mudança no Cliente.

ABSTRACT

This article aims to analyze the perception of the therapeutic relationship by the customer attended in one philanthropic institution and how this relationship contributes to the therapeutic changes. It is used as theoretical reference the Person-Centered Approach developed by Carl Rogers and the philosophy of dialogue of Martin Buber. The method that underlies this work is the phenomenological, being the collection of information obtained in the daily sessions and interviews with open questions. Were analyzed the attendances of four clients, with an average of 26 attendances each. Here is the relevance of establishing a relationship I - Thou in the therapeutic process and the importance of a positive attitude of the therapist, allowing the client to achieve the fullness of being a person.

Keywords: Therapeutic Relationship. Dialogical relationship. Change in client.

¹ Psicóloga, MBA em Gestão de Pessoas. Atua como Psicóloga Clínica, Consultora de Recursos Humanos. Professora da Faculdade Capixaba de Nova Venécia - Multivix. E-mail: danielylorenzoni@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende identificar a percepção da relação terapêutica pelo cliente atendido em Clínica e na Casa Franciscana – Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS) e demonstrar a importância da construção de uma relação Eu – Tu para o processo de tornar-se pessoa.

A Abordagem Centrada na Pessoa é um enfoque da Psicologia que percebe o ser humano de modo holístico e singular. Confia nas potencialidades do ser humano e busca na relação terapêutica estabelecer uma relação autêntica e dialógica com os clientes. Estas questões a cerca da relação terapêutica e na crença no potencial do ser humano, representa o ponto que culminou este trabalho.

Este estudo pode contribuir para uma reflexão dos acadêmicos e profissionais da psicologia, no sentido de destacar a importância do estabelecimento de uma relação terapêutica positiva, genuína e empática, para uma verdadeira relação dialógica.

Abordagem Centrada na Pessoa desenvolvida por Carl Rogers é considerada uma vertente da Psicologia Humanista Existencial. Sendo esta abordagem a que possui estreitos paralelos com o pensamento filosófico do existencialista Martin Buber (HOLANDA, 1998).

O existencialismo surge após o término da Segunda Guerra Mundial, a partir de uma Europa lançada a uma crise política, moral e social. A palavra existência é derivada do latim *existentia*, que significa “sair para”, mais precisamente, existência, na origem, é sinônimo de mostrar-se, exibir-se, em um movimento para fora. Assim, denomina-se existencialista toda a filosofia que trata diretamente da existência humana e sua reflexão considera o aspecto individual, particular e concreto do ser humano. Colocando-o em evidência, sendo este um ser que atribui significado de maneira única a suas experiências (PENHA, 1990).

Rogers (2009) confirma a identificação do seu pensamento com alguns autores existencialistas. Dentre estes os pensadores Sören Kierkegaard e Martin Buber.

Não estudei filosofia existencial. O primeiro contato que tive com a obra de Sören Kierkegaard e de Martin Buber deve-se à insistência de alguns estudantes de teologia de Chicago que empreenderam um trabalho comigo. Eles tinham certeza de que o pensamento desses homens ressoaria com o meu, o que era bastante correto (p. 227).

A história de vida de Kierkegaard predomina sobre a sua maneira de ver o homem e a si mesmo, reconhecendo-se autenticamente nesse movimento. Suas desventuras pessoais e a religião geraram uma relação de conflito que exerceram influência determinante em sua filosofia. (FEIJOO, 2000; PENHA, 1990)

A necessidade de conhecer a história de vida de Kierkegaard é fundamental para compreender as vicissitudes de sua filosofia, por exemplo, quando ele afirma, que são as dificuldades, as incertezas que permitem o homem chegar à constituição moral e o crescimento espiritual. Seu pensamento até certo ponto, reflete angústias e inquietações latentes em sua época. (FEIJOO, 2000; PENHA, 1990)

Na visão de Kierkegaard a existência humana não pode ser explicada através de um sistema, pois este é incapaz de dar conta da realidade, por isso, o indivíduo jamais pode ser dissolvido no impessoal.

Kierkegaard considera que apenas o ser humano possui consciência de sua singularidade, colocando com este pensamento o homem em evidência. Portanto, é através de Kierkegaard que a experiência pessoal é valorizada na Psicologia Humanista Existencial, para qual o ser humano é visto como singular genuíno e livre, com potencial para ultrapassar as adversidades do meio em que está inserido. (PENHA, 1990; VASCONCELLOS, 1999)

Dentre as diversas abordagens da psicologia, provavelmente a que mais identifica-se com o pensamento de Buber seja a Abordagem Centrada na Pessoa. Tanto a filosofia do diálogo de Buber quanto à psicoterapia de Rogers propõem um encontro com o ser (HOLANDA, 1998).

A filosofia do diálogo de Buber está calcada no ser situado no mundo com o outro, sendo através deste encontro com o outro que o homem faz-se presente no mundo.

Para manter este encontro, Buber (1977) destaca duas possibilidades do Eu revelar-se como humano frente ao mundo, Eu – Tu e Eu – Isso. De acordo com Hycner e Jacobs (1997) “a primeira uma atitude de conexão natural e a segunda de separação natural. Ambas são essenciais” (p. 32). Pode-se afirmar que estas atitudes, são formas do ser humano colocar-se diante do mundo, sendo as mesmas inseparáveis e essenciais para a existência do Eu.

A palavra princípio Eu – Tu, trata de uma atitude de encontro recíproco, em que há a confirmação mútua. É um estar plenamente presente tanto quanto possível com o outro, estabelecendo pouca finalidade ou objetivos para si mesmo nesse encontro. Não estabelecendo limites para estar em contato. (HYCNER; JACOBS, 1997)

Buber (1977) afirma que: “(...) tu, sem limites, sem costuras, preenchendo todo horizonte. Isso não significa que nada mais existe a não ser ele, mas que tudo o mais vive em sua luz (...) o tu encontra-se comigo por graça; não é através de uma procura que é encontrado” (pp. 15-19).

A palavra princípio Eu - Isso se diferencia da relação Eu – Tu. O Eu – Isso revela uma relação “coisificada” em que o Eu estabelece uma relação de objetivação com o outro, percebendo esta atitude como de utilização, tornando-se o mundo objeto do relacionamento. Assim o Eu não se projeta face ao outro, volta-se para si mesmo, sem preocupar-se com o outro. (BUBER 1977; HOLANDA, 1998; HYCNER; JACOBS, 1997)

Esta atitude é uma forma de ver o outro de maneira secundária, não havendo consonância com o outro que se apresenta e sim uma separação do presente, existindo uma ausência de relação e presença. Em outras palavras, Buber (1977) coloca que “na medida em que o homem se satisfaz com as coisas que experiencia e utiliza, ele vive no passado e seu instante é privado de presença. Ele só tem diante de si objetos, e estes são fatos do passado” (p. 14).

Ainda segundo Buber, não significa que o Eu – Isso seja algo negativo, ele possui possibilidade de tornar-se fonte de objetivação, a partir do momento em que o homem permite-se ser apenas Isso, enxergando esta atitude como única no seu crescimento contínuo. O homem deixa ser absorvido unicamente pelos valores desta atitude não se colocando disponível para o encontro com o outro e com o mundo. Esta atitude é uma relação de utilização que predomina no mundo da ausência, do distanciamento, na qual o outro não é percebido em sua totalidade e em sua alteridade, assim, não se pode renunciar esta forma do homem colocar-se no mundo.

Os hífen utilizados no termo Eu – Tu e Eu – Isso, podem ser considerados como uma forma de expressar a orientação relacional e de reciprocidade com que alguém se aproxima do outro. Ou seja, caso o homem aproxima-se do outro com uma atitude Eu – Tu, isso irá refletir na maneira como se aproxima de si mesmo e como estabelece o diálogo com outro. (HYCNER; JACOBS, 1997)

Para Hycner e Jacobs (1997) o diálogo não se encontra apenas no terapeuta ou no cliente e sim no “entre”, pode ser considerado uma descentralização da relação, cada pessoa é tocada pelo outro, num momento de encontro profundo, havendo uma reciprocidade.

Nenhum diálogo pode levar ao centro da pessoa, a uma compreensão da natureza humana adequada, a um tornar-se homem, a não ser que esse diálogo ocorra na reciprocidade (AMATUZZI, 1989).

Hycner e Jacobs (1997) fazendo referência a Buber estabelece como pré requisito para uma relação dialógica entre terapeuta e cliente: a presença; comunicação sem reservas e a inclusão.

A presença pode ser um elemento básico que implica na tentativa do terapeuta não influenciar o cliente, considerando a autenticidade de cada um presente nesta relação, fazendo com que ambos entrem em contato com a condição de ser pessoa do outro. O terapeuta estabelece um movimento de abertura para com o cliente, tornando-se um ser presente com o outro, respeitando sua individualidade (HOLANDA, 1998; HYCNER; JACOBS, 1997).

A comunicação sem reservas e genuína segundo os autores é à disposição do terapeuta e do cliente de envolver-se honestamente, criando condições para um diálogo genuíno, expressando-se francamente com aquilo que ocorre com ele no diálogo. Pode ser considerado um estabelecimento de um campo de confiança.

A inclusão diz de uma tentativa do terapeuta em compreender concretamente a realidade do cliente em si mesmo, como num contato organísmico ou como uma sensação de estar intimamente ligado ao outro. Ao mesmo tempo o terapeuta precisa ter o cuidado de manter a sua própria condição de pessoa.

A Abordagem Centrada na Pessoa tem como fundador o norte americano Carl Rogers que inicia sua vida profissional como psicólogo nos anos 30. A princípio utilizava para sua prática o aconselhamento diretivo e centrado no terapeuta (BOAINAIN, 1998; ROGERS, 2009).

Ao longo de seu trabalho, Rogers realiza mudanças em relação a si, às suas atitudes terapêuticas e ao seu método de trabalho. A partir de sua prática percebe que o próprio cliente sabe qual a direção deve tomar, considera melhor deixar ao cliente a direção do movimento no processo terapêutico. Nesse momento surge à primeira fase do seu trabalho, conhecida com terapia não diretiva (BOAINAIN, 1998; ROGERS, 2009).

Na primeira fase do seu pensamento Rogers defende a utilização de uma psicoterapia não centrada no cliente, este pode ser considerado o ponto fundamental da abordagem. Ele enfatiza que o terapeuta não possui a direção da terapia e não seria esta a atitude que traria mudanças ao cliente e sim, uma atitude que favoreça a liberação e o exercício das tendências e potenciais transformadores do cliente (BOAINAIN, 1998; RUDIO, 1999).

A segunda fase conhecida como Terapia Centrada no Cliente representa uma das mais importantes e produtoras do desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa. Os esforços investigativos possibilitaram a determinação cada vez mais específica dos aspectos atitudinais atuantes no processo terapêutico. É nesta fase que há uma melhor sistematização das condições consideradas necessárias e suficientes para a mudança na personalidade do cliente (BOAINAIN, 1998; ROGERS, 2009).

A terceira fase teve como marco a reformulação da compreensão da atuação do terapeuta. A partir da vivência com pacientes de um hospital psiquiátrico, Rogers depara-se com um impasse em relação à atitude do terapeuta de não ter conteúdos para aceitar, compreender ou refletir. Ocorreu a ele, voltar-se para a própria vivência, para a expressão da experiência interior na relação com os clientes, assim poder-se-ia iniciar a comunicação. Esta expressividade tornou a sua teoria muito mais bicentrada na expressão (BOAINAIN, 1998; ROGERS 2009).

Pode-se afirmar que nesse momento a terapia tornou-se centrada, tanto na experiência do cliente quanto na experiência do terapeuta, ocorrendo uma mudança significativa na atitude do terapeuta.

As duas últimas fases do trabalho de Rogers estão ligas a formação de grupos, o novo foco é compreender as potencialidades transformadoras que ocorrem em um grupo. O grupo de encontro é caracterizado pela aceitação, compreensão e autenticidade que identificava o trabalho individual (BOAINAIN, 1998; ROGERS, 2007).

Considera-se como pilar e característica da Abordagem Centrada na Pessoa a tendência atualizante e a tendência formativa. A tendência atualizante refere-se à crença de que o ser humano possui dentro de si recursos suficientes, para sua auto compreensão e modificação de seus autoconceitos, porém, muitas vezes o homem não tem conhecimento de tais recursos, podendo assim, nunca ser utilizados ou ativados. A partir de um clima facilitador estes recursos poderão ser utilizados (ROGERS, 2007).

A importância da tendência atualizante está no terapeuta acreditar e compreender o ser humano com possuidor de potencialidades que sofrem transformações na busca de uma plenitude, que abrange não só a manutenção mais também o crescimento do organismo (ROGERS, 2007).

Por sua vez a tendência formativa é característica de um universo como todo. Verifica-se a partir desta, que qualquer evolução no mundo, está sempre atuante na direção de

uma ordem crescente e no estabelecimento de uma complexidade inter-relacionada, visível tanto no nível inorgânico como no orgânico. O universo está em constante construção e criação, assim como em deterioração. Este processo também é evidente no seres humanos. Rogers (2007) diz que:

Nessas situações, fico impressionado com a tendência que todo ser humano exibe em direção á totalidade, em direção à realização de suas potencialidades. A psicoterapia ou a experiência grupal não surtiram efeitos quando tentei criar no individuo algo que ainda não estava lá; no entanto, descobri que se criam as condições que permitam o crescimento, essa tendência direcional positiva leva a resultados positivos (p. 42).

Rogers (1957, *apud* WOOD, 1994) descreve seis condições que ele considera necessárias e suficientes para que ocorra uma mudança construtiva e positiva na personalidade do cliente. A primeira condição especifica a importância do estabelecimento de uma relação mínima, na qual terapeuta e cliente estejam em contato psicológico. A segunda condição estabelece que o cliente vivencie um estado de incongruência, ou seja, uma discrepância entre o significado experienciado e a forma como ele é registrado no seu organismo. A terceira condição diz respeito à atitude do terapeuta na relação, na qual precisa ser uma pessoa integrada, autêntica e congruente, sendo livre para expressar sua experiência na relação.

A quarta condição estabelece que o terapeuta experiencie uma aceitação calorosa dos aspectos trazidos pelo cliente sem julgamento de valores, assim o terapeuta estará experienciando a consideração positiva incondicional. A quinta condição propõe que o terapeuta experiencie uma compreensão empática pelo cliente, a partir de sua própria experiência, o terapeuta consegue sentir e entrar no mundo do cliente como se fosse seu. A condição final estabelece que o cliente perceba em certo grau a aceitação e empatia do terapeuta (BOWEN, 1987; ROGERS, 2009).

Estas condições possibilitam mudanças na pessoa o que a torna capaz de viver livremente e de aceitar-se num processo fluido de experiências, utilizando-as com segurança. (ROGERS, 2009)

O processo terapêutico é definido por Rogers (2009) com sendo um processo que implica em mudanças na maneira como o cliente comunica o que está sentindo ou qual o significado de sua experiência. O processo terapêutico é compreendido como contínuo, que vai de um funcionamento rígido para um funcionamento fluído e flexível.

Durante esse processo o cliente vivencia mudanças significativas nos construtos pessoais. Inicia-se em uma fase, na qual os construtos não são reconhecidos com conceitos mais como fatos, durante o processo o cliente começa a questionar estes construtos que até então eram imutáveis, começa acreditar na possibilidade de se pensar diferente. No outro extremo do processo considera o construto como algo provisório, mutável não como algo inerente (ROGERS, 2009).

Quanto à mudança na vivência dos problemas, segundo o autor, o cliente inicia a terapia percebendo o problema como algo externo e sendo o outro culpado por ele. Durante o processo começa a ter alguma responsabilidade sobre o seu problema e no outro extremo o cliente aprende a experienciar o seu problema na relação com o terapeuta e o aceita como seu.

Com referência as relações interpessoais, o cliente inicia a terapia evitando o contato, não confia no outro. Durante o processo gradualmente aprende que é seguro arriscar-se ao contato, no extremo do processo o cliente aprende a viver mais abertamente a relação com o terapeuta, tornando-se mais autêntico.

Quanto aos sentimentos, o cliente inicia a terapia não reconhecendo seus sentimentos, não assume, sendo estes desconhecidos, durante o processo começa a descrever livremente seus sentimentos como sendo coisas do passado, ainda não expressa, mas descreve, no extremo superior do processo o cliente sente, vive e expressa seus sentimentos vividos no momento (ROGERS, 2009).

O modo como experiencia, no início da terapia conceitua suas experiências no passado, afastando-se de si. Durante o processo começa a reconhecer o valor de sua experiência e sente-se menos ameaçado, já no extremo superior o cliente vive experiência imediata.

Em relação à comunicação do self, no início da terapia o cliente não sente vontade de falar de si mesmo, estabelecendo uma comunicação de assuntos externos e impessoais, no decorrer do processo o cliente sente-se seguro e aprende a falar de si mesmo, na extremidade dessa fase o cliente apropria-se de seus sentimentos e consegue expressá-los como sente, não vê mais o self como objeto.

Percebe-se que com essas mudanças, que o cliente na terapia pode alcançar a plenitude de ser pessoa, o cliente torna-se livre para expressar seus sentimentos, sensações e vivenciar suas experiências no aqui agora (ROGERS, 2009).

O processo de tornar-se pessoa pode ser considerado um processo de movimento que o organismo em sua totalidade escolhe, sem medo de surpreender-se, sendo livre para escolher qualquer direção, transformando-o e desenvolvendo-o a todo instante. Rogers não afirma que exista um ponto máximo em que a pessoa possa transformar-se e estagnar-se e sim que a pessoa está em um processo contínuo.

Pode-se perceber que tornar-se pleno é conseguir exprimir a fluidez que está presente na experiência de maneira que o sujeito esteja em congruência com o que está experienciando e o que está sentindo organismicamente. Rogers (2009) afirma que: “Julgo ser evidente que uma pessoa que estivesse plenamente aberta a cada experiência nova, completamente desprovida de uma atitude defensiva, viveria cada momento da sua vida como novo” (p. 215).

O tornar-se pessoa significa viver o momento sem rigidez, ou seja, sem imposição da maneira como se deve experienciar. Nesse momento a pessoa torna-se adaptável, com uma organização de seus sentimentos, mas ao mesmo tempo mutável. A pessoa experiencia um processo crescente de confiança no seu organismo como meio de alcançar um comportamento cada vez mais satisfatório em cada situação existencial (ROGERS, 2009).

Ao refletir sobre o existencialismo e a teoria de Rogers, faz-se necessário voltar-se para a fenomenologia, pois ambos buscam a compreensão do homem utilizam um olhar fenomenológico.

A fenomenologia é fundamentada por Edmund Husserl que se inspira nas distinções entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos. O método criado por ele tinha como objetivo tornar a filosofia uma ciência em seu sentido pleno. Sendo esta originada através do processo de revisão de verdades conhecidas como cientificamente inabaláveis (FEIJOO, 2000; PENHA, 1990).

Em consonância com a humanização nas ciências, Husserl introduz a noção de intencionalidade, sendo este um conceito básico da fenomenologia e característica fundamental da consciência. Todos os atos psíquicos, tudo o que se passa na consciência, visa um objeto. É através da intencionalidade que um objeto constitui-se na consciência e a consciência e o objeto juntos formam a significação, portanto, a intencionalidade pode ser considerada um ato de atribuir sentido, unificando a consciência e o objeto (FORGHIERI, 1993; PENHA, 1990).

A fenomenologia busca captar a essência verdadeira das coisas, descrevendo a experiência tal como ela se processa, de modo a atingir a realidade exatamente como ela é. Para isso julga-se necessário suspender todos os preconceitos e teorias, fazendo uma redução fenomenológica. Esta é considerada uma mudança de atitude na qual permitem visualizar o sujeito e o mundo como fenômenos em sua totalidade (FEIJOO, 2000; FORGHIERI, 1993; HOLANDA, 1997; PENHA, 1990).

Na escuta terapêutica a redução fenomenológica é um recurso para se chegar à essência do fenômeno. O psicólogo utiliza essa atitude colocando a teoria, valores pessoais entre parênteses só assim poderá refletir sobre a experiência do cliente chegando ao que lhe é essencial. Deste modo, a fenomenologia apresenta-se não como uma técnica, mas como um método, uma atitude, tendo como objetivo descrever para compreender (FORGHIERI, 1993).

Utilizar a fenomenologia enquanto método de pesquisa requer que o pesquisador faça a redução fenomenológica, suspendendo todo conhecimento pré-existente sobre o objeto a ser analisado, antes de quaisquer alterações produzidas pelos sistemas filosóficos. Retornar a experiência vivida pelo sujeito na relação com objeto e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento que se constituiu no desvelar do objeto (BICUDO; MARTINS, 1989; FORGHIERI, 1993).

Para isso é necessário que o pesquisador retorne a vivência da pesquisa, penetrando de modo espontâneo e experiencial. Não significa apenas recordar a vivência, mas sim revivê-la de modo intenso, assim, é importante que o pesquisador saia de uma atitude intelectualizada para deixar emergir a intuição e percepção que surgem nessa totalidade, esta atitude é conhecida como envolvimento existencial. Após este envolvimento, o pesquisador estabelece certo distanciamento da vivência, refletindo sobre sua compreensão na tentativa de captar o significado da vivência de maneira intelectualizada (FORGHIERI, 1993).

2 RECURSOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado com quatro clientes, com idades entre 30 a 65 anos do sexo feminino, todos foram atendidos em uma instituição filantrópica. Totalizando 107 sessões, com uma média de 26 sessões cada.

A metodologia adotada fundamenta-se na redução fenomenológica. Para Forghieri (1993) a pesquisa envolve dois momentos que incluem o envolvimento existencial do pesquisador com as informações obtidas e no segundo momento um distanciamento reflexivo.

Para a realização deste estudo, utilizaram-se como recursos metodológicos os diários de sessões que compreendem os registros das sessões realizadas, este registro contempla as intervenções do terapeuta, percepções do cliente, sentimentos trabalhados, sentimentos do terapeuta e as discussões dos casos nas supervisões semanais, bem como uma entrevista aberta com pergunta disparadora: como você cliente percebe a relação terapêutica?

Inicialmente, foram transcritos as sessões no formato de diários de sessão semanais que eram entregues e discutidos nas supervisões. A entrevista foi realizada e gravada do final do processo terapêutico e em seguida transcrita. Os diários e a transcrição da entrevista com cada cliente foram lidos, procurando o envolvimento existencial e penetrando nas experiências de cada um, sentindo-me próxima de cada caso, para chegar a uma compreensão global e intuitiva do fenômeno estudado.

Em seguida, os diários e entrevista foram relidos, detendo-me em cada parte do relato em que se aproximava da percepção do cliente da relação terapêutica. Ao deter-me, procurei envolver-me na experiência do sujeito na tentativa de captar intuitivamente o significado desta experiência para ele. Depois, refleti sobre os significados encontrados intuitivamente, envolvendo-me e distanciando-me quantas vezes percebi que seria necessária para conseguir o meu intuito.

Após enunciar os significados captados nas várias partes dos diários e entrevista, fiz uma articulação com a teoria que culminou nos resultados desta pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante da análise compreensiva, pode-se notar a relevância do estabelecimento de uma relação terapêutica autêntica assim observada a partir das falas dos clientes:

C: “Hoje eu confio em você.”

J²: “[...] aqui me sinto à vontade para falar do que penso e dos meus sentimentos.”

S: “[...] aqui é mais do que um confessorário, pois sinto que você preocupa-se comigo e me ajuda. No confessorário não nós falamos, mas não temos um retorno.”

Ou ainda quando:

J¹: “[...] foi você que me ajudou a sair da casa sozinha e agora estou no caminho, [...] pela primeira vez na vida sinto-me protegida e sei que tem alguém que realmente me escuta querendo me ajudar.”

A partir destas falas pode-se perceber a importância do estabelecimento de uma comunicação sem reservas e genuína, mantendo um campo de confiança, na qual o cliente sente-se à-vontade para expressar-se. Estabelece neste momento segundo Buber (1977) uma relação Eu- Tu, sem fronteiras e sem reservas. Rogers (2009) também coloca a importância de estabelecer uma relação desta maneira ao descrever como primeira condição necessária para que ocorra a mudança no cliente, a necessidade de um encontro terapêutico, na qual tanto cliente quanto terapeuta, entre em contato.

Quando esses clientes relatam seus sentimentos sobre a relação terapêutica, eles tocam em um ponto crucial que é a atitude de autenticidade, empática e a aceitação do profissional em que está à sua frente. Segundo Rogers (2007) estas atitudes devem estar presentes para que se crie um clima facilitador de crescimento.

É possível perceber a importância destas atitudes quando na entrevista a cliente J¹ relata:

“Eu acho muito importante o profissional na área da terapia. Porque eu já vinha buscando outros profissionais, mas eu falava, falava a pessoa [profissional] ouvia, ouvia e isso durante meses e eu saía de lá mais confusa do que eu tinha entrado. Então eu acho que isso vem muito do profissional. O terapeuta tem que analisar o seu problema e buscar uma forma de estar ajudando e não confundindo. O que me ajudou muito no meu caso foi o profissional.”

Rogers (2009) referencia como última condição a importância do cliente perceber a aceitação incondicional, a empatia e a congruência do terapeuta por eles. Assim, o cliente sente-se acolhido, compreendido e aceito, se sentindo seguro e confiante para aprofundar em suas questões principais.

Na entrevista, S relata essa importância de sentir escutada e compreendida:

“Eu comecei a fazer terapia e gostava do jeitinho da outra terapeuta, mais eu falava, falava e ela era muito caladinha. [...] Então conheci você com esse jeito diferente, porque até então eu vinha fazendo outra coisa. [...] você coloca-me para pensar [...] o retorno que eu tenho de você o que eu ouço de você eu vou experimentando [...] e o resultado aparece. [...] A terapia passa a não ser uma obrigação, eu deixo de fazer qualquer coisa, para vir à terapia, eu não perco por nada.”

Com esta fala pode-se notar que a percepção do cliente quanto à atitude do terapeuta é imprescindível para o processo de mudança do cliente. Rogers (2007) afirma que é através destas atitudes que o cliente tende a desenvolver atitudes de aceitação e consideração com relação a si mesma. Assim, à medida que compreende e considera o seu eu, este se torna mais congruente com suas próprias experiências internas e externas. A pessoa torna-se então mais verdadeira e genuína.

A percepção dos clientes analisados quanto ao seu processo de mudanças encontra-se na fala de S:

“Hoje mais do que nunca sei o quanto a terapia está ajudando-me, é como se eu estivesse com os olhos fechados e com a terapia consigo abrir os olhos e enxergar meus erros e posso tentar concertar [...].”

E quando J² diz:

“[...] pela primeira vez na vida estou começando a pensar no que realmente quero.”

Na entrevista, J¹ relata que a terapia,

“[...] ajudou a me compreender melhor, foi um trabalho muito bom comigo mesmo. Para que eu pudesse aprender quem sou eu, de onde eu vim, mais, no que eu posso me transformar [...] pessoas que não são do meu convívio também perceberam [suas mudanças].”

Nos atendimentos, J¹ percebe o quanto mudou quando relata:

“Se isso acontecesse em outro momento da minha vida eu estaria descabelando-me, arranhando-me, mordendo-me, achando que a culpa [...] fosse minha [...] Sinto que estou crescendo a cada dia, agora consigo resolver meus problemas e sinto que tomo atitudes cada vez mais maduras. [...] Parece que tenho uma fortaleza dentro de mim.[...] essa certeza procurava nos outros e descobri que ela está dentro de mim.”

Com estes exemplos, nota-se a percepção do cliente quanto a si mesmo e as mudanças que relatam experienciar. Percebe-se que o cliente sai de uma posição rígida de incongruência para um estado mais fluído, na qual o cliente toma consciência do seu potencial transformador e assume seu verdadeiro Eu na relação com o outro, sem medo de ser julgado ou criticado. Torna-se mais autêntico consigo mesmo e conseqüentemente na relação, sendo livre para assumir seus sentimentos e sensações orgânicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da relação Eu - Tu durante o processo terapêutico e o que é percebido pelo cliente, pode facilitar o processo de tornar-se pessoa. Verifica-se assim, a importância das atitudes de aceitação, empatia e autenticidade do terapeuta no processo. É com estas atitudes que se constrói uma relação genuína.

O cliente passa a experienciar na relação à segurança percebendo o terapeuta presente no encontro com ele. O cliente sente-se confiante em si mesmo e acaba por considerar e compreender o fluxo de suas experiências internas, tornando-se mais congruente e livre para expressar seus sentimentos e sensações orgânicas. Saindo assim, de um funcionamento rígido para um flexível.

O cliente descobre dentro de si a capacidade de utilizar a relação que estabelece com o terapeuta para o seu próprio crescimento. O terapeuta passa a ser companhia para o seu

cliente, acompanhando-o na busca de si mesmo, sentindo-se livre para caminhar em direção do seu verdadeiro Eu.

Tornar-se pessoa é estar em consonância com suas sensações assumindo seu verdadeiro eu. Como uma folha em um rio seguindo a correnteza, é o ser humano em seu pleno funcionamento, seguindo o fluxo de suas sensações, sem medo de surpreender-se com o novo ou o que irá experimentar logo à frente, ele segue livre.

O cliente descobre seus recursos internos e começa a utilizar a seu favor de maneira satisfatória ao seu organismo, tendo consciência que possui potencial para transcender e tornar-se ele mesmo.

Realizar este estudo significou um grande aprendizado na formação enquanto profissional de Psicologia, pois se pode perceber a importância da atitude do terapeuta para o desenvolvimento do cliente. Estabelecer uma escuta centrada no cliente considerando-o como pessoa. Perceber que quanto mais o terapeuta conseguir ser genuíno na relação, mais útil para o cliente esta será. Poder notar que de fato as atitudes e os sentimentos do terapeuta são mais importantes que a sua orientação teórica. O bom resultado de uma psicoterapia está intimamente ligado à empatia, e ao respeito crescente que estabelecem entre cliente e terapeuta.

Assim, este trabalho demonstra a relevância para a comunidade científica do estabelecendo de uma relação Eu – Tu no processo terapêutico e a importância de uma atitude positiva e ativa pelo terapeuta, permitindo ao cliente alcançar a plenitude de ser pessoa, sendo livre para expressar seus sentimentos, sensações e vivenciar suas experiências, transformando-o e desenvolvendo-o a todo instante.

5 REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. **O resgate da fala autêntica:** filosofia da psicoterapia e da educação. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

BICUDO, M. A. V. & MARTINS, J. **A pesquisa qualitativa em psicologia:** fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

BOAINAIN, E. **Torna-se Transpessoal:** transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. São Paulo: Sninmus, 1998.

BOWEN, M. C. V. **A interiorização das características básicas necessárias para mudanças de personalidade proposta por Carl Rogers.** III Jornada da Psicologia Humanista Existencial, 1987.

BUBER, M. **Eu e Tu.** São Paulo: Moraes, 1977.

FEIJOO, A. M. L. C. **A escuta e a fala em psicoterapia:** uma proposta fenomenológico- existencial. São Paulo: Vetor, 2000.

FORGHIERI, Y. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993.

HOLANDA, A.F. **Diálogo e psicoterapia:** correlações entre Rogers e Buber. São Paulo: Lemos, 1998.

HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e Cura em Gestalt – Terapia.** São Paulo:Summus, 1997.

PENHA, J. **O que é existencialismo:** Coleção primeiros passos (10º ed.). São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROGERS, C. **Torna-se Pessoa** (6ºed.). São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROGERS, C. **Um jeito de Ser** (7º ed.). São Paulo : E.P.U., 2007.

RUDIO, F. V. **Orientação Não Diretiva:** na educação, no aconselhamento e na psicoterapia (13º ed.). Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

VASCONCELLOS, G. P. (1999) **Abordagem Centrada na Pessoa:** Existencialismo Fenomenológico. Unipê, Ouro Preto- MG. Recuperado em 09 de setembro de 2010, de <http://www.apacp.org.br/atr049.html>, 09/09/2010>

WOOD, J. K. **Abordagem Centrada na Pessoa.** Vitória – ES: UFES, 1994.

**PONTO DE DESENCONTRO:
SUPERFICIALIDADE NAS RELAÇÕES HUMANAS**

Aline Cadurini Pezzin¹
Mila Silva Spalla²

RESUMO

O presente artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica. Para isso, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica em livros e artigos a fim de apresentar fatores que contribuem para o estabelecimento de relações superficiais. O objetivo geral desse artigo é abordar o tema das relações humanas em nossa contemporaneidade e refletir o impacto da influência tecnológica, bem como a valorização do consumo vem modificando essas relações. O estudo revela que a globalização trouxe um novo existir, ressaltando o individualismo, a rapidez da troca de informações e as consequências dessas respostas imediatas em nossas decisões cotidianas, o movimento constante e a urgência de viver relacionamentos plenamente satisfatórios. As relações se estabelecem rapidamente e os laços são rompidos, em sua maioria antes de realmente formados, e novas relações se criam marcadas, geralmente, pela ausência de significados. Observa-se que nunca houve tanta liberdade para escolher, no entanto, o homem contemporâneo não consegue estabelecer laços afetivos que lhe produza satisfação pessoal, o que tem levado o mesmo a vivenciar sentimentos de incompletude.

Palavras-chave: Relações Humanas. Pós-Modernidade. Globalização. Vazio Existencial.

ABSTRACT

The article consists in a literature review. For this, we used the methodology the literature review in books and articles in order to present factors that contribute to the establishment of shallow relationships. The general objective of this article is to address the theme of human relationships in our times is to reflect the impact of technological influence as well as the valuation that consumption has been changing these relations. The study reveals that Globalization has brought a new existence, emphasizing individualism, the speed of information exchange and the consequences of immediate responses in our daily decisions, constant movement and urgency to live fully satisfactory relationships. The relationships are established quickly and ties are broken, mostly before actually being formed and new relationships are created generally marked by the absence of meaning. It is observed that there was never much freedom to choose, however, the contemporary man can not establish emotional bonds that will produce personal satisfaction, which has led to experience the same feelings of incompleteness and emptiness.

Keywords: Human Relations; Postmodernism. Globalization. Existential Void.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade de Vila Velha, especialista em Psicologia Clínica/Psicoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa e na Psicoterapia Existencial, pelo Instituto Brasileiro de Psicologia Centrada na Pessoa. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Capixaba de Nova Venécia – Multivix.

² Graduada em Psicologia pela Universidade de Vila Velha, especialista em Psicologia Clínica/Psicoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa e na Psicoterapia Existencial, pelo Instituto Brasileiro de Psicologia Centrada na Pessoa.

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre as relações humanas na pós-modernidade não é uma tarefa fácil, pois estamos diante da cultura do imediatismo e das necessidades descartáveis, onde o contato humano deu espaço às relações virtuais. Bauman (2004) reafirma isso ao colocar que, vivemos em um contexto propenso a mudar com rapidez e de maneira imprevisível afetando diretamente nossas relações interpessoais.

Nesse sentido, Becker e Ruedell (sd) destacam que o existencialismo, por sua vez, alerta para o perigo de alienação, quando as relações apenas são estabelecidas ao nível da organização social. Nesse caso, as estruturas institucionais tendem a abafar o sentido da existência pela abstração e pela objetivação.

O presente artigo propõe uma revisão teórica acerca das relações humanas na pós-modernidade. As leituras referentes ao tema possibilitaram uma reflexão sobre os modos de existir na contemporaneidade, no entanto, percebeu-se que não são temas atuais. Martin Buber (1878-1965) concebeu o homem com ser de relações. Buber definiu duas atitudes do homem - relação Eu –TU e EU – ISSO. Não se trata de dois tipos de homem, mas de duas posturas presentes em todos nós, em nossa relação com o outro, com as coisas e com o mundo. Na relação EU – TU, reflete a atitude do encontro com o outro, a expressão do significado mais profundo da existência humana, que reflete o comprometimento incondicional com o outro, enquanto na relação EU – ISSO expressa o distanciamento, a objetividade, reflete a atividade do utilizar.

Percebe-se que a pós-modernidade é caracterizada pela coisificação do sujeito, as relações tornaram-se superficiais, frágeis e marcadas pela proeminência da velocidade. As pessoas demonstram atitudes cada vez mais pautadas na objetivação, distanciando-se do encontro EU – TU de Buber.

Estamos diante de um dos paradoxos vivenciados pelos indivíduos na pós-modernidade: nunca se buscou tanto alguém para dividir os momentos solitários e vazios da vida, no entanto, nunca houve tanto receio em aprofundar os encontros verdadeiramente humanos. Observam-se no cotidiano, que tais angústias geralmente são apresentadas por amigos, conhecidos e também muito comuns nos consultórios psicológicos.

A atenção volta-se no sentido de entender qual a relação entre a sociedade de hoje e suas implicações para a falta de vivências de relações humanas mais profundas percebendo assim, enquanto um sofrimento contemporâneo. Para isso, buscou-se articular a filosofia existencial de Martin Buber e conceitos do sociólogo Zygmunt Bauman para a realização deste trabalho.

2 AS RELAÇÕES HUMANAS: CONSTRUINDO MODOS DE EXISTIR

O indivíduo em sua subjetividade e enquanto ser social caminha para o seu desenvolvimento estabelecendo relações humanas em diferentes contextos. No entanto, de que relações humanas estão falando? Das relações construídas no meio familiar? Das relações estabelecidas entre dois amigos de infância? Ou quem sabe das relações virtuais tão comuns no momento em que vivemos?

De acordo com Silva (sd) as relações humanas são denominadas como ações e atitudes desenvolvidas a partir do processo de interação entre pessoas e grupos. Na vivência de uma relação, os indivíduos envolvidos sofrem influência mútua de ambas as partes, influência essa que reflete no comportamento e nas atitudes de cada um.

Segundo Mendes (sd), a Teoria das Relações Humanas teve início na década de 30, com a experiência de Hawthorn, cuja finalidade era estudar a relação entre efeitos físicos (variações na luminosidade) na produção de funcionários, que acabou desviando seu foco para o comportamento social dos mesmos. A partir daí, foi deixada de lado a antiga preocupação com as estruturas e processos, para dar espaço à preocupação com as pessoas. Entretanto, esse olhar voltado para a pessoa nas suas relações permanece na pós- modernidade?

3 RELAÇÕES NA PÓS-MODERNIDADE

Modernidade refere-se ao estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. (GIDDENS, 1999 apud SILVA, 2011, p.374).

De acordo com Casadore e Hashimoto (sd):

O mundo contemporâneo encontra-se envolto num mar de eventos e informações simultâneas, que nos atingem veiculadas nas mais variadas e complexas formas de comunicação. Mobilidade, instantaneidade, flexibilidade, individualismo e consumo aparecem como parte da sua constituição. É desconcertante, desordenado, caótico – e, desta forma, particularizado pelo inesperado e pelas inúmeras (e crescentes) possibilidades de ação e acontecimento. (p.1).

Chevitarese (2001) ressalta que a condição pós-moderna nos traz a consciência da incerteza e da ambivalência. Respostas em suspenso. Mal-estar diante de um mundo caótico. “A cultura já não pode mais proporcionar uma explicação adequada do mundo que nos permita construir ou ordenar nossas vidas”.

É por isso que Giddens (1997, apud CHEVITARESE 2001, p.8) afirma que “não há nada de misterioso no surgimento do fundamentalismo no mundo moderno tardio”. Adotar uma única resposta é evitar a experiência angustiante da dúvida radical, cujo fascínio advém da promessa de livrar os convertidos das agonias da escolha individual. O fundamentalismo é um exemplo de ausência crítica, ou *irracionalismo pós-moderno*, uma forma de usar a liberdade para tentar fugir dela.

Esse período pós-moderno é marcado pelo surgimento de sentimentos e comportamentos egocêntricos, voltados para o momento presente, no qual é estabelecida uma ideologia individualista. Novas configurações sociais envolvidas pela fragmentação das subjetividades são responsáveis também por novas modalidades de subjetivação que mantém a posição elevada e central do “eu”, enfatizando a exterioridade e autocentramento narcisista (BIRMAN 2001, apud CASADORE; HASHIMOTO, sd, p.02).

Desta forma, Birman (2001 apud CASADORE; HASHIMOTO, sd) sustenta que o sujeito contemporâneo inserido na cultura do espetáculo:

[...] encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto, como um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir. (...) Na ausência de projetos sociais compartilhados, resta apenas para as subjetividades os pequenos pactos em torno da possibilidade da extração de gozo do corpo do outro, custe o que custar. (p.03).

Birman (2001 apud CASADORE; HASHIMOTO, sd, p.02), destaca que o sujeito moderno entra em conflito por não ser capaz de seguir e assimilar todas as mudanças decorrentes desse contexto, ou seja, os instrumentos subjetivos interpretativos não dão conta de acompanhar a rapidez dos acontecimentos. E nesse momento que surge os conflitos existenciais ou o que podemos chamar também de mal-estar contemporâneo.

[...] já que o mal-estar se inscreve sempre no campo da subjetividade. Enquanto contraponto de um suposto bem-estar, o mal-estar é a matéria prima sempre recorrente e recomeçada para a produção de sofrimento nas individualidades (BIRMAN, 2001 apud CASADORE; HASHIMOTO, sd, p.02).

O ser humano é tomado por uma sociedade globalizada que a todo tempo apresenta novas formas de ser e estar no mundo, onde aquele que se destaca ganha, ou seja, podemos fazer uma analogia de nós sujeitos contemporâneos com um artista de sucesso que se sente vangloriado com a admiração do público.

Nessa perspectiva, a convivência contemporânea é envolvida pela cultura do consumo, do imediatismo e do passageiro. Entretanto, essa forma de ser e estar no mundo traz como consequência, segundo Birman (2001, apud CASADORE; HASHIMOTO, sd):

A fragilidade dos vínculos e a insegurança, os desejos conflitantes de ligação e liberdade entre os seres humanos e, mais especificamente, a tensão que perpassa a escolha egocêntrica que, ao mesmo tempo, também é atingida pelo mal-estar atual do estado de desamparo. (p.03).

De acordo com Bauman (2004), as relações humanas na pós-modernidade denominada por ele também como “modernidade líquida” tem sido caracterizada por certa fragilidade dos vínculos, características estas opostas as “sistêmicas” da modernidade clássica. Sob esse aspecto, a fragilidade do vínculo humano é misteriosa, conflitante e insegura na medida em que o homem contemporâneo está abandonando sua própria existência no conflito entre “ser” e “ter”. De acordo com Bittencourt (2009), Erich Fromm pensa a história da sociedade ocidental mediante o conflito entre “Ser” e “Ter”, ou seja, entre o princípio de qualidade existencial e o princípio quantitativo que norteia o desejo humano por riqueza e controle total sobre as condições materiais de sua existência.

Birman (1982, apud SOARES, 2010) acredita que há uma modalidade de experiência vital que é partilhada por homens e mulheres em todo mundo atual, ele denomina esse corpo de experiência “modernidade”.

Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que

somos. A modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como diz Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (p.6).

Vivemos a cultura do pronto, do imediatismo, do descartável, do consumo exacerbado, da superficialidade e efemeridade dos laços afetivos entre as pessoas. Bauman (2004) salienta que tudo se tornou frágil, duvidoso, frouxo, livre e inseguro, características essas correspondentes à pós-modernidade. Ainda segundo o autor, a disseminação rápida das novas tecnologias tem impactado e modificado as relações interpessoais. As redes sociais são provas disso, implica o estar junto, mesmo que efêmero. É uma forma de valorizar o interesse comum, sempre buscando a interação e a inserção social. À medida que as relações virtuais vão tomando espaço, o contato pessoal torna-se cada vez mais distante dificultando a auto expressão, espontaneidade, imaginação e criatividade.

Desse modo, o que tem ressaltado é uma ideologia individualista, “do crescimento individual, superficialmente otimista”, de uma cultura egocêntrica. (LASCH, 1983, p.78, apud CASADORE; HASHIMOTO, sd, p.2).

Se na sociedade pós-moderna evidencia-se principalmente o movimento de entrar e sair das redes de relações ou tribos, esta prática não permite que as relações humanas possam amadurecer e nem exigir dos indivíduos um investimento afetivo. Tudo isso reflete a incapacidade de se manter laços humanos duradouros, o não reconhecimento do outro, a substituição da durabilidade pela transitoriedade e pela novidade.

Não podemos refletir acerca da sociedade contemporânea sem nos depararmos com o individualismo, signos sem profundidade ou fragmentados, tais questões aparecem como parte da sua constituição. Devemos a qualquer preço atingirmos a total autonomia pessoal e sermos bem-sucedidos. As relações se tornam cada vez mais superficiais e as pessoas cada vez mais individualistas.

Bauman (2004) fala das relações que se estabelecem com extraordinária fluidez, que se movem e escorrem sem muitos obstáculos, marcadas pela ausência de peso, em constante e frenético movimento. É importante se ligar, mas sem se aprofundar ou cortar a dependência.

Bauman (2004, p.40) acrescenta: “a solidão por trás de uma porta fechada com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura para homens e mulheres do que compartilhar um espaço doméstico comum”. Na “modernidade líquida” os telefones e as redes sociais tornam-se cada vez mais comuns e necessários.

Para o existencialismo, as pessoas são responsáveis pelas próprias escolhas. Pensam o homem como um ser concreto, não com uma natureza definida, mas como um ser que sofre, ama, trabalha e que atribui diferentes significações. Partindo por essa perspectiva, faz parte inevitavelmente da existência humana o devir, a inquietação, o desespero e a angústia. A existência é algo em aberto, em constante mudança, e não há nenhum tipo de determinismo ou fatalismo. É um projeto em construção. Cabe ao homem, a cada

momento do seu viver, escolher, optar e, por isso mesmo, ele torna-se um ser responsável pelo seu existir.

Segundo Reale e Antiseri (1991) o homem é aquele que se interroga sobre o sentido do ser. O homem não pode se reduzir a simples objeto, ou seja, a simples estar presente. O modo de ser do homem é a existência. A experiência é poder ser. O homem, portanto, não é espectador do grande teatro do mundo: o homem está no mundo, envolvido nele. E, transformando o mundo, ele forma e se transforma a si mesmo.

Segundo Marcel (1953, apud BECKER; RUEDELL sd), é somente “na medida em que, pela minha própria experiência, me elevar a uma percepção verdadeiramente concreta, estarei em condições de ascender a uma compreensão afetiva do outro, da experiência do outro”.

Clark Moustakas (1994, apud MIRANDA; MIRANDA 1996) ressalta a possibilidade e potencialidade que o ser humano tem de crescer e transcender e ir ao encontro de um modo de existir mais genuíno e autêntico.

O momento de se iniciar uma vida autêntica e se afastar da traição e da alienação está sempre presente. Não importa o quão presa esteja a pessoa ao mundo alheio, as racionalizações, análises e intelectualizações; não importa quão imersa esteja em padrões, valores e metas do sistema – ela pode decidir, no momento seguinte, alterar todo o curso de sua vida. Ela ainda pode se transformar naquela que realmente é, criando novos significados e valores e realizando potenciais mais condizentes com o seu verdadeiro eu. Ninguém pode lhe impedir de fazer isso. E, em nenhuma circunstância pode-se prever o que a pessoa fará. Independentemente de seu passado, em qualquer situação ela pode reativar as verdadeiras direções do eu. Esta é uma verdade para qualquer pessoa: a qualquer momento, ela pode escolher tornar-se ela mesma, que é o único caminho para uma existência autêntica. (p. 258).

A partir desse posicionamento, o ser humano pode vislumbrar novos horizontes, novas formas de ser e estar no mundo, instigando ir ao encontro de relações humanas profundas e verdadeiras. O homem possui uma vivência única e singular, mas inserido ativamente no mundo, com o mundo. A existência humana implica na relação consigo mesmo e na relação com o mundo, resgatando sua responsabilidade pela construção de um mundo mais coerente com este sentido humano.

4 A RELAÇÃO EU – TU NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES PESSOAIS

Pensar o ser humano em sua concretude enquanto um ser social, aberto ao outro nas relações inter-humanas é automaticamente negar a ideia de uma ideologia do individualismo ou do totalitarismo, uma vez que o lugar do outro é fundamental para nossa realização existencial. É aceitar que o “existir” requer reconhecimento, pois o homem não se faz sozinho, e sim nas suas relações.

Na contemporaneidade as relações humanas são invadidas pelo mundo da eficácia produtiva, dos interesses imediatos, do consumo desenfreado e da luta pela sobrevivência. O pensamento calculante do homem contemporâneo ainda não permite brechas que lhe propiciem uma visão, embora ofuscada e fugaz, de suas limitações

trágicas. Desse modo, o questionamento que emerge é: “Qual a disponibilidade do homem contemporâneo para se relacionar com o outro?”.

O homem é ontologicamente diferente dos demais seres, tendo recebido, na sua humanidade, condições específicas para dar conta da própria vida, sustentá-la e ampliá-la. Ele é um feixe de possibilidades, sempre em aberto, podendo transcender e surpreender a si mesmo, lançado no mundo sem o controle da vida e sem certezas sobre o seu destino. Assim, por mais que busque a estabilidade e a segurança de diversas formas ao longo da história, o homem está sempre diante de questões existenciais que o desestabilizam e o colocam em movimento. É um ser em constante construção, o que se dá a partir do contato com os outros, na coexistência. Ele é único e irrepitível, ao mesmo tempo em que herda toda uma cultura construída ao longo do tempo por muitos outros, seus semelhantes. Singularidade e pluralidade convivem lado a lado na difícil tarefa de habitar o mundo e transformá-lo. (ARENDDT, 1971; CRITELLI, 1996, apud LUCZINSKI; LOPEZ, 2010, p.02).

Nesse sentido, o homem é, assim, um ser de relações. Segundo Holanda (1998) o pensamento de Buber se volta, em sua essência, para a questão da existência humana. É um questionamento acerca da problemática do ser humano, de uma busca do significado e do sentido da sua existência.

Holanda (1998) salienta ainda que Buber ao refletir sobre a existência humana desvenda os modos de que o homem dispõe ante o mundo, pois fundamenta a existência sobre uma atitude que é dada à pessoa escolher.

De acordo com Buber (2001, apud LUCZINSKI; LOPEZ, 2010, p.02) o homem possui diferentes possibilidades de existir dependendo de como se coloca no mundo. O autor ainda ressalta que o homem deve ser considerado como ação no mundo, no qual sua disposição para entrar em contato com o outro tem consequências na própria vida, imprimindo-se no seu modo de ser. Dessa forma, Buber defende a ideia de que não há existência sem a comunicação e diálogo, bem como não existe os objetos sem que haja uma interação com eles. Nessa perspectiva, Buber (2001), defende que o relacionamento acontece entre o EU e o TU.

Os princípios EU - TU e Eu - ISSO assinalam modos de ser do homem, formas de responder à realidade, que sempre solicita um posicionamento. O EU que se abre para um TU não é como o eu que se relaciona com um ISSO, ou seja, a forma de relacionamento estabelecida fundamenta o modo de ser. Por isso, a relação produz diferentes possibilidades da pessoa estar no mundo. Nesse sentido, o EU se torna EU em virtude do TU a partir da relação que é estabelecida com ele. Ele é meu TU somente na relação (BUBER, 2001).

Holanda (1998) coloca que tal posição fundamental diz respeito a uma ação da pessoa que se insere num ambiente no qual ela habita, em contínua interação, em constante processo, em constante agir sendo ao mesmo tempo sujeito da ação e objeto de outra ação imediata.

Buber (2001) evidencia na reflexão de EU - TU a palavra como sendo dialógica, ressaltando que é por meio da palavra proferida que o homem se situa no mundo com os outros.

Na atitude EU - TU, a pessoa entra em relação, deixa-se impactar, deixa-se atravessar pela presença viva do outro, seja este outro uma pessoa, uma situação, uma obra ou um ente qualquer. Há nesse instante uma dimensão intensiva, não mensurável ou redutível à temporalidade, espacialidade e questões objetivas. O mundo do TU não tem coerência no espaço e tempo: é um campo de forças, de presença, de vitalidade. Não pode ser apreendido ou aprisionado em representações: sempre escapa. Não se reduz à percepção: é intenso, vivo, pulsante. Sempre ressurgente diferentemente, em contínua transformação. (BUBER, 2001 apud LUCZINSKI & LOPEZ 2010, p.04).

No domínio do inter-humano, ao contrário, cada um é para o outro um parceiro num acontecimento da vida, mesmo que sejam adversários. Diz-nos Buber (1982, p.138 apud GOMES).

(...) “A única coisa importante é que, para cada um dos dois homens, o outro aconteça como este outro determinado; que cada um dos dois se torne consciente do outro de tal forma que precisamente por isso assuma para com ele um comportamento, que não o considere e não o trate como seu objeto, mas como seu parceiro num acontecimento da vida, mesmo que seja apenas uma luta de boxe”.

Nessa perspectiva o que vivenciamos atualmente não é essa relação de troca na construção de sua existência, mas sim com uma relação do EU – ISSO, na qual utiliza-se do outro como objeto para realização de seus desejos narcísicos. Desse modo, pode-se fazer uma analogia com relação dialógica de Buber, onde, no contexto atual não temos uma relação EU - TU, mas uma relação EU - ISSO.

Birman (2000, apud ESTEVAM 2008), ao referir-se a essa realidade, diz:

A subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o *outro* em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o *outro* apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o *outro* se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade. (p.04).

Holanda (1998) salienta que o mundo é duplo, que a atitude é dupla, e que ambas são atitudes existenciais. Buber aponta que a existência é alternância entre momentos EU – TU e momentos EU – ISSO. O Mundo do TU é o mundo do presente, da reciprocidade e da alteridade, da presença e da imediatez. O mundo do Isso é o mundo do passado, da dicotomia, do uso e da experiência, da ausência, do conhecimento.

Moreira (2007) descreve que a relação EU – ISSO torna-se negativa somente quando submetesse o homem, embora ela tenda a ser relegada a um segundo plano, considerada como prejudicial e como um vínculo objetivante e frio. Nesse sentido, a atitude Eu-Iso se torna prejudicial quando se torna absoluta no homem levando o mesmo a perder o sentido de sua própria existência.

Holanda (1998) afirma que o compromisso de Buber é com o ser humano na sua totalidade, como existente com o mundo, mas sem perder de vista suas particularidades e seu esforço pela transcendência. O homem, para Buber, não é concebido como um dado abstrato, mas como uma realidade, inserida concreta e historicamente no mundo. O ser humano é a própria imagem da transcendência e do devir em processo. O homem não se satisfaz apenas com o uso e a posse das coisas, mas também tem o desejo de

entrar em relação pessoal com estas coisas, com o mundo, e imprimir nelas a marca da sua relação.

Desse modo, a concepção Buberiana da relação aliada ao contexto da pós-modernidade, deixa evidente a necessidade de possibilitar ao homem condições de vivenciar diferentes atitudes Eu-Tu e Eu-Isso. Enquanto este vivencia sua singularidade e coloca-se em movimento na presença do outro se realizando na relação, uma vez que, segundo Buber (2001), o existir requer uma alternância entre a atitude Eu-Tu e a atitude Eu-Isso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levantar questionamentos sobre as transformações decorrentes dessa era pós-moderna nos remete conseqüentemente ao seguinte questionamento: Como essas transformações influenciaram o meu modo de ser e de me relacionar interpessoalmente?

O que se sabe é que são muitas transformações decorrentes da modernidade e que estas têm contribuído para o isolamento das pessoas danificando o encontro e o diálogo com o outro, o que conseqüentemente tem influenciado diretamente a construção subjetiva do ser humano.

Partindo por essa ideia, é notório que as relações humanas tornaram-se mais frágeis e superficiais na mesma proporção que a sociedade atual oferece novidades descartáveis e imediatas a esse homem que se caracteriza como um ser isolado, escondido no seu próprio mundo, preocupado consigo mesmo.

Rojas (1996, apud REGO, sd) nomeia este novo modelo de existência, como uma "vida light", "onde tudo está sem calorias, sem gosto ou interesse, a essência das coisas não importa, só o que é quente e superficial". Tal colação deixa evidente a ideia de que as relações humanas estabelecidas atualmente não contribuem para a vivência de uma vida autêntica.

As pessoas procuram relacionar-se, mas não conseguem abrir mão da desconfiança, tem receio em aprofundar os encontros. A liberdade aparece como o grande paradoxo do homem. Somos livres porque podemos dizer não, porque podemos nos negar a ser uma "coisa". No entanto, as pessoas também estão sempre diante de situações que não dependem delas.

Contudo, percebe-se que o homem existe por ser um ser-no-mundo. Recusar-se a vir-a-ser é fechar-se as suas possibilidades, é recusar-se a crescer. Dessa forma, torna-se importante o movimento do homem estar aberto e verdadeiro para a própria experiência, pois é pela transcendência que o homem descobre a totalidade de suas possibilidades existenciais.

Em busca de encontros verdadeiramente humanos, o movimento dos indivíduos volta-se para o redirecionamento de seus olhares, buscando novas significações e identificações, mas partindo da coerência interna e não do que é estabelecido ou esperado. O ser humano é responsável pela construção do seu existir.

Percebe-se a importância de entrar em contato com os modos de existir e como as pessoas se relacionam consigo e com o outro no mundo. Nesse aspecto as exposições de Martin Buber acerca da relação Eu-Tu e Eu-Isso dão maior visibilidade ao movimento presente nas relações humanas em geral como já ressaltadas nesse artigo.

Dessa maneira, nos deparamos com a noção de liberdade-escolha-responsabilidade. Estamos diante do resgate dos valores internos e da pessoa humana, direcionando ao caminho da alteridade, ao encontro de relações mais profundas e verdadeiras. Escolher verdadeiramente torna-se possível através do contato com as próprias experiências. Se ver como uma pessoa em devir (vir-a-ser) são possibilidade de estar no mundo. Assim como ressaltado por Buber, a existência autêntica necessita da vivência de um diálogo.

Apesar de tanto se falar na superficialidade das relações humanas na contemporaneidade, o presente trabalho também buscou abordar a importância do encontro humano, dos vínculos afetivos para o crescimento pessoal do homem.

Para tanto, torna-se relevante acrescentar que há uma carência de literatura acerca desse tema, e que a literatura existente não foi suficiente para uma compreensão profunda dos questionamentos levantados no decorrer desse artigo, ficando aqui evidente a necessidade de desenvolvimento de trabalhos que tratem com maior profundidade a temática sugerida.

6 REFERÊNCIAS

BAUMAN, ZYGMUNT. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

BECKER, J. S.; RUEDELL, A.. **Ser na Perspectiva do Outro**. Disponível em:<<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/012e3.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2012.

BITTENCOURT, R. N. **A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade**. 2009. Disponível em: <www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/.../4568>.

BUBER, M. **Eu.Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

CASADORE, M.M.; HASHIMOTO, F. **A questão afetiva na contemporaneidade: uma abordagem psicanalítica**. Trabalho produzido a partir do Projeto de Mestrado; pesquisa atualmente em vigência. Disponível em: <[www.fafich.ufmg.br/.../tcompletos/.../Trab%20Completo%20\(BH\).pdf](http://www.fafich.ufmg.br/.../tcompletos/.../Trab%20Completo%20(BH).pdf)>. Acesso em: Setembro de 2012.

CHEVITARESE, L. (2001): “**As ‘Razões’ da Pós-modernidade**”. In: *Análogos. Anais da ISAF-PUC*. RJ: Book link. (ISBN [85-88319-07-1](https://www.isbn-international.org/number/85-88319-07-1)). Disponível em: <http://www.saude.inf.br/artigos/posmodernidade.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2012.

ESTEVA, J.G. **O reconhecimento da alteridade como possibilidade de construção de um novo paradigma na cultura ocidental.** Horizonte, Belo Horizonte, v. 6, n.12, p.169-179, jun. 2008. Disponível em: <http://www.pucminas.br/documentos/horizonte_12_artigo_09.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2012.

G. REALE E D. ANTISERI. In: *História da Filosofia*. Vol. III: São Paulo: Paulinas, 1991.

GOMES, P. B. **Filosofia do relacionamento.** Periódico de divulgação científica da FALS. Ano III-NºVI-Out2009-ISSN 1982-646x. Disponível em: http://www.cidadesp.edu.br/old/mestrado_educacao/artigos/egressos/2009/a_filosofia_d_o_relacionamento.pdf. Acesso em 05 de Fevereiro de 2013.

HOLANDA, A. F. **Diálogo e Psicoterapia.** Correlações entre Carl Rogers e M. Buber. S. Paulo: Lemos ed. 1998.

LUCZINSKI, G.F ; LOPEZ, M, A. **Psicologia fenomenológica dialógica. Estudos de psicologia/Campinas 27(1) I 75-82 I janeiro – março.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a09.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2012.

MENDES, E.V. **A Teoria das Relações Humanas na atualidade Administrativa.** Sd. Disponível em: <www.viannajr.edu.br/site/.../teoria_relacoes_humanas_adm.pdf>. Acesso em: 20 de Setembro de 2012.

MIRANDA, C. F., MIRANDA, M. L. (1996). **Construindo a relação de ajuda.** Belo Horizonte, MG: Crescer.

MOREIRA, V. **De Carl Rogers a Merleau Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia.** São Paulo Annablume, 2007.

REGO, C.S. **O Existir e a Falta de Sentido dos Dias Atuais.** Disponível em: <http://monografias.brasilecola.com/psicologia/o-existir-falta-sentido-dos-dias-atuais.htm>. Acesso em 05 de Fevereiro de 2013.

SILVA, S. S. **A modernidade e a pós-modernidade.** Uma leitura de Michel Maffesoli e Anthony Giddens. RBSE 10 (29): 372-377, ISSN 1676-8965. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2012.

SOARES, G.A. **Cultura pós-moderna, tempo e fragilidade das relações humanas.** Trabalho de conclusão de Curso. CELLAC/ECA – USP, 2010. Disponível em: <<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/38/34>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2012.

RELEVÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NAS EQUIPES DE SAÚDE MENTAL

Anny Mota do Livramento Venturini¹

RESUMO

Considerando que a ciência contemporânea se produz por ligações, o fazer isolado pode representar uma abordagem reducionista do ser humano, desconsiderando também a complexidade das relações humanas. Ressaltar a importância de um espaço de interligação entre disciplinas no contexto das equipes de saúde mental foi a finalidade deste trabalho. Para tanto se utilizou pesquisa bibliográfica de modo a verificar e fundamentar a relevância da interdisciplinaridade nesse contexto, caracterizado pela presença de equipes multiprofissionais, que têm, entretanto, atuado de maneira fragmentada. A interlocução entre saberes amplia as possibilidades de uma prática que requer olhares interagentes diante das demandas do ser humano.

Palavras-chave: Equipe. Interdisciplinaridade. Saúde Mental.

ABSTRACT

Considering that the contemporary science is produced by connections, doing it isolate may represent a reductionist approach to human being and also considering the complexity of human relationships. To highlight the importance of an area of interconnection between disciplines in the context of mental health teams was the purpose of this work. For that, it was used literature research in order to verify and substantiate the importance of interdisciplinarity in this context, which is characterized by the presence of multiprofessional teams, whom have, however, acted in a fragmented way. The dialogue between knowledge expands the possibilities of a practice that requires interacting looks on the front of the demands of the human being.

Keywords: Team. Interdisciplinarity. Mental Health.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Pós-graduada em Intervenção Sistêmica com Famílias (CRESCENT/FDV), Atenção Primária à Saúde (SESA/UNIVEN) e Gestão Pública Municipal (IFES). Docente do curso de Psicologia da Faculdade Capixaba de Nova Venécia – Multivix. E-mail: anny.psi@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo perpassa por um referencial teórico que aborda a construção do trabalho em saúde mental, contextualizando movimentos sociais que desencadearam transformações na assistência em saúde e, conseqüentemente, em saúde mental. Além disso, considera conceitos como equipe e interdisciplinaridade como forma de subsidiar o objetivo deste trabalho que conta em demonstrar relevância da interdisciplinaridade na equipe de saúde mental de forma a atender de maneira integral às demandas existentes. Por fim, apresenta algumas considerações sobre o trabalho em equipe interdisciplinar em saúde mental, as quais estão relacionadas à discussão compreendida no corpo referencial da pesquisa. A constituição da equipe por trabalhadores de diferentes profissões enriquece a prática do atendimento, favorece a inovação da assistência e possibilita o intercâmbio de experiências, saberes e fazeres.

2 A CONSTRUÇÃO DA ATUAÇÃO EM SAÚDE MENTAL

Movimentos, teorias e práticas, pensamentos e ações, foram e são participantes das diversas construções erguidas em função das demandas sociais. Considerando o enredamento que constitui o ser humano enquanto ser bio-psico-social, torna-se de suma importância que estas edificações sejam alicerçadas por bases que considerem o ser humano em sua integralidade.

Segundo Souza (2010, p. 13)

A saúde mental é uma especialidade dentro de especialidades, pois incorpora os conhecimentos da ciência médica psiquiátrica, da sociologia, da psicologia, da antropologia, das ciências políticas, das ciências ocupacionais e de enfermagem, dentre outras, tamanha é sua complexidade.

Para ela, somente equipes puderam, podem e poderão realizar mudanças de paradigma e atuar nessa área do conhecimento científico que engloba esses diversos saberes.

Ao historicizar a Saúde Mental, a autora reescreve uma cultura de exclusão e isolamento na forma de tratar e considerar os indivíduos acometidos por transtorno mental. O tratamento seguia um modelo hospitalocêntrico, no qual as terapêuticas eram centralizadas, ficando os profissionais recrutados para o atendimento a mercê de um único saber: o da medicina. Além disso, as decisões acerca do paciente se ampliavam para além dessa terapêutica, caminhando para a desconsideração do mesmo como cidadão.

Considerando que essas equipes de saúde mental não foram previamente planejadas e montadas, a sua nova forma de organização aconteceu a partir do momento em que começaram a questionar o tratamento utilizado até então, considerado, a partir de então, inapropriado.

Propostas de abertura de novas possibilidades para a assistência junto a esta população começaram a ser pensadas pelas equipes hospitalocêntricas que mobilizaram a sociedade como um todo para um caminho de mudança de paradigmas. Este movimento dos trabalhadores da saúde mental denominou-se Reforma Psiquiátrica ou Movimento

de Luta Antimanicomial, que resultou em apontamentos específicos para a formação das equipes de assistência em saúde mental.

As equipes de saúde mental foram estruturadas formal e legalmente com a Lei Federal 10.216 de 06/04/2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Importante ressaltar que estas equipes são formadas conforme demanda específica do serviço, a qual é determinada pela modalidade deste, localidade e realidade da população assistida. Importante ressaltar que além de um redirecionamento em termos de equipe em saúde mental, o movimento mencionado colocou diante dos olhos da sociedade seu próprio produto: pessoas em situações de mazelas e vulnerabilidade. Assim, vale ainda reforçar que, apesar de todas as transformações na área da saúde mental, há ainda a realizar, já que a missão continua não sendo apenas técnica, mas também cidadã e política.

A mudança do modelo assistencialista para além dos manicômios requer ainda um “abrir de portas” no ambiente social, já que atitudes de discriminação, de desumanidade, de negação de direitos e de exclusão refletem um manicômio aberto, onde

Atitudes manicomiais são a mais pura tradução da dificuldade humana de lidar com as diferenças, ao que responde com discriminação, exclusão, negação de direitos e imposição de poder, o poder do saber técnico que foi muitas vezes uma amarra fortíssima amparada pelo discurso do próprio saber e da falsa razão, apoiada à moralidade e à civilidade (SOUZA, 2010, p. 36).

Enfim, a construção das equipes de saúde mental pelos próprios profissionais decorreu da disponibilidade e necessidade dos mesmos em reinventar seus saberes, dúvidas e prática.

Losbosque (apud SOUZA, 2010), afirma que um profissional de uma equipe de saúde mental não pode restringir-se exclusivamente ao seu saber e à sua técnica, devendo estar atento ao todo, independente de sua área, mesmo que seja para acionar um outro membro da equipe, entrelaçando as intervenções e agindo de forma objetiva, prática e eficaz.

Para ele, essa amplitude na escuta possibilita alcance do alívio terapêutico tão fundamental, considerando a complexidade que o sofrimento mental enseja, onde um sintoma nunca se apresenta isolado e nem mesmo é decorrente de uma única fonte e muito menos atinge apenas um aspecto da vida do sujeito a ele submetido.

3 ATUAÇÃO EM EQUIPE

Pinho (2006) remete à introdução do conceito de qualidade na década de 70, o qual alcançou auge na década de 90, reforçando que este conceito, que ainda hoje se constitui um objeto de discussão e investimento, originou-se a partir da introdução da integralidade na assistência, “entendida como um conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema” (Lei 8080/90).

Assim, as configurações das interações profissionais foram alteradas, levando-os a reconhecer a necessidade de diferentes contribuições profissionais no cuidado ao paciente, o que levaria à qualidade em termos de eficiência e eficácia.

O trabalho em equipe, então, recebe destaque e surge como estratégia para redesenhar o trabalho e promover qualidade dos serviços.

Considerando o termo equipe, Souza (2010) afirma que esta pode ser caracterizada como multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar, conceituando-as. Contudo, cabe a este estudo defender a necessidade da interdisciplinaridade no contexto da equipe de saúde mental, considerando a existência do modelo multidisciplinar, a importância do interdisciplinar, a qual é caminho para a transdisciplinar.

Souza (2010) esclarece ainda que a multidisciplinaridade caracteriza-se pela existência de múltiplos saberes, porém, sem comunicação entre si, ao contrário da interdisciplinaridade que, apesar de conter multidisciplinaridade, “*comunica-ção*”, “*inter-age*”, “*inter-relaciona*”, ativando possibilidades para o alcance da transdisciplinaridade, que é traduzida como uma equipe de alta performance.

Costa (2007) explica que o conceito de interdisciplinaridade se relaciona com os termos disciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade e afirma que é importante entender esses termos.

Japiassu (apud COSTA, 2007) conceitua disciplinaridade como área homogênea de estudo com fronteiras bem delimitadas. A multidisciplinaridade, segundo Costa (2007), implica justaposição de diversas disciplinas, não pressupondo trabalho em equipe e coordenação, bem como na pluridisciplinaridade, onde também não se acordam conceitos e métodos, apesar desta implicar um nível maior de relação entre as disciplinas. A transdisciplinaridade iria mais além: não se restringiria às interações e à reciprocidades entre as disciplinas, uma vez que propõe a ausência de fronteiras entre elas. Muitos pesquisadores situam a saúde nesse campo.

Costa (2007) observa que os serviços de saúde são realizados por equipes multiprofissionais e de forma fragmentada alertando, porém, para o fato de que no trabalho de equipe multiprofissional é possível a integração das disciplinas.

Em se tratando de modelos de prática de equipe, Sternas e colaboradores, (apud PINHO 2006), apresentaram os modelos primitivos (paralelo, sequencial e compartilhado), destacando o modelo colaborativo como um modelo de trabalho em equipe interdisciplinar. Aqui, os profissionais promovem segurança e alta qualidade nos serviços, mesmo que exercendo seu saber de maneira autônoma, colaborando, no entanto, a partir de um processo de comunicação articulado e tomada de decisão objetivando satisfazer as necessidades de atenção do público alvo. A base da colaboração está na qualidade do cuidado ao paciente, resultado de uma contribuição de todos os profissionais, de maneira não hierárquica.

Costa (2007) conclui que

[...] o trabalho em equipe implica trabalho coletivo no qual cada profissional coloca seus conhecimentos, seus sentimentos e suas expectativas em função de um objetivo partilhado. Logo, é mister que exista inter-relação entre os

agentes, os usuários e o mundo vivido (sociopsíquico) e que dessa inter-relação surja um processo de produção de vínculos e de saúde (COSTA, 2007, p. 120)

4 ATUAÇÃO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR

Drinca (apud PINHO, 2006) propõe um modelo de equipe onde existe a necessidade de uma interdependência progressiva, definindo a equipe como interdisciplinar, conceituando-a, assim, como um grupo de indivíduos, com diversas formações, que trabalham juntos como uma unidade, numa colaboração continuada para resolver os problemas dos pacientes. “Em outras palavras, a equipe precisa conhecer onde é feito, o que é necessário fazer, quem é que faz o que e como isto é feito junto” (PINHO, 2006, p. 76).

A interdisciplinaridade é conceituada pelo grau de integração entre as disciplinas e a intensidade de trocas entre os especialistas; desse processo interativo, todas as disciplinas devem sair enriquecidas. Não basta somente tomar de empréstimo elementos de outras disciplinas, mas comparar, julgar e incorporar esses elementos na produção de uma disciplina modificada. (COSTA, 2007, p. 109).

Minayo (apud GOMES, DESLANDES, 1994), demonstra que a interdisciplinaridade não é uma perspectiva nova diante da construção do conhecimento. Contudo, a partir do século XIX, com o avanço da ciência como expressão máxima da racionalidade humana, acontece também um processo crescente de disciplinarização e conseqüentemente um grande recuo desta proposta interdisciplinar. O positivismo se tornou hegemônico enquanto paradigma do saber no mundo moderno e as disciplinas começaram a se afirmar de forma isolada. Em decorrência disso, surgiu uma excessiva especialização que resultou numa fragmentação do saber.

Um dos obstáculos enfrentados pela interdisciplinaridade diz respeito, segundo Costa (2007), à tradição positivista e biocêntrica. Pinho (2006, p. 69) retrata o desafio de “romper com uma visão de trabalho linear e previsível herança de um processo organizacional institucionalizado de organização social de produção, originado nas concepções dos modelos taylorista/fordista, nos quais profissionais dominavam técnicas parciais fragmentadas e isoladas”.

Em relação à assistência em saúde, Santos (2009) explica que esta tinha base curativa, de maneira que o ser humano era tratado de forma fragmentada, num modelo biomédico. Porém, na década de 70, ocorreu um movimento conhecido como Reforma Sanitária, que forçou a reconfiguração do modelo vigente até então, envolvendo ações em atenção primária que, apesar de ainda restritas, propunha um sistema mais integrado, compreendendo acesso a diferentes níveis de atendimento. Desde então, o trabalho em equipe tem conquistado relevância pela possibilidade de integralidade das ações e, conseqüentemente, qualidade dos serviços ofertados.

Assim, a interdisciplinaridade, de acordo com Minayo (apud GOMES, DESLANDES, 1994), enquanto uma proposição do conceber e fazer ciência, ressurge no século XX, nos fins da década de 50, quando se coloca em discussão a necessidade de uma proposta de caráter interdisciplinar.

Complementando, Costa (2007) refere que a interdisciplinaridade ganha relevância no mundo ocidental a partir da década de 1960, a respeito da evolução conceitual do termo em três momentos: na década de 70, quando se buscava uma definição do mesmo; na de 80, a construção de um método interdisciplinar e a partir de 1990, quando se almeja a construção de uma teoria da interdisciplinaridade.

Apesar dos avanços, ainda se percebe em termos de atuação em equipe, que por vezes a prática se apresenta de forma parcelar, não intervindo na posição verticalizada do processo de trabalho, o que impede a resolubilidade nos serviços interdisciplinar, conforme salienta Costa (2007).

Dessa forma, fica clara a necessidade de congruência entre o discurso e a atuação em equipe interdisciplinar. Ainda a despeito de congruência, Costa (2007) verificou que a prática interdisciplinar se processa não só pela alocação de vários profissionais em um único local de trabalho, mas está vinculada à responsabilidade individual que advém do envolvimento do profissional com o projeto, com as pessoas envolvidas e com a instituição, que por sua vez precisa também proporcionar apoio, através de programas e políticas, e espaço de autonomia e formação de equipes. Além disso, que

[...] existe desejo de fazer o trabalho acontecer por parte dos profissionais e que eles têm algo de sua subjetividade implicada nesse fazer. Os impasses e as dificuldades de cada um deles nos mostram que o trabalho interdisciplinar está sendo construído na prática diária e no repensar dessas práticas pelo grupo (COSTA, 2007, p. 118).

Costa (2007) ressalta ainda que o trabalho em equipe só pode ser efetivo por meio da disciplinarização, mais precisamente, pela interdisciplinarização.

Pinho (2006) salienta a importância de certas competências e habilidades técnicas que, somadas a um conhecimento amplo, englobados sob a ótica da multiespecialização, tem sido desejáveis, visto que “a incorporação deste novo modelo capacita o profissional a ter uma percepção mais abrangente, dinâmica, complementar e integrada” (PINHO, 2006, p. 69).

Remetendo a Souza (2010, p. 19) “uma equipe interdisciplinar, necessita da comunicação entre os profissionais como condição de plena execução, e alta performance de sua tarefa”.

5 ATUAÇÃO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE MENTAL: CONSIDERAÇÕES

Souza (2010) relembra que do mesmo modo que a própria prática em saúde mental baseada em equipes é novíssima - a Lei Federal que a determina data do ano de 2001 - a teoria e a fundamentação técnica específica para esse campo de atuação também o são, e como toda a prática referida está sendo construída; as reflexões, os relatos e as constatações deste complexo exercício também estão em construção.

Dessa forma, conclui-se pelo estudo realizado e pela nossa experiência que o Programa de Saúde Mental é fruto de toda transformação histórica ocorrida na saúde, bem como na saúde mental, em função de cada contexto social e sua época. Percebe-se que

conceitos como equipe e interdisciplinaridade também contribuíram para acrescentar mudanças no modelo estrutural de atuação dos profissionais da área, que passaram a integrar uma nova configuração para o desenvolvimento de um trabalho que elenca diversidades de ser e saber.

Além de se prestar ao atendimento da pessoa portadora de transtorno mental, é proposta também a abordagem familiar onde os profissionais da saúde mental estendem a assistência à constelação familiar, de maneira a tratar a situação de forma complementar, integral e contextualizada.

É proposta ainda do programa abranger a assistência às pessoas “normais”, também considerando sua dimensão bio-psico-social.

Por fim, vale ressaltar que toda essa abordagem precisa ser realizada a partir de uma atuação em equipe interdisciplinar, visto que a “integração” entre os componentes do sistema profissional, possibilita ações acompanhadas de resolubilidade.

Percebe-se, entretanto, a existência da fragmentação na atuação da equipe de saúde mental, reflexo também de um modelo de saúde historicamente herdado. Importante salientar, então, que o presente projeto propõe a intervenção nesse quadro de forma a buscar reconfigurar o atual modelo tanto devido às demandas existentes quanto aos aspectos positivos proporcionados pela atuação em equipe interdisciplinar.

Hall e Weaver (apud PINHO, 2006), o trabalho em saúde mental exige complexidade no cuidado que só pode ser respondida a partir de uma equipe organizada para resolver um conjunto de problemas comuns, onde cada membro poderá contribuir com seu conhecimento e habilidade para aumentar e apoiar as contribuições dos outros, preservando suas funções especializadas numa linha contínua de comunicação entre si, num contínuo de interações e responsabilidades.

Apesar do constante processo de construção, percebe-se entre os autores concordância em relação à eficácia do trabalho em equipe interdisciplinar.

6 REFERÊNCIAS

COSTA, R. P. Interdisciplinaridade e equipes de saúde: concepções. **Mental**, v.5, n.8, 2007, p. 107-214.

GOMES, R.; DESLANDES, S. F. Interdisciplinaridade na Saúde Pública: Um Campo em Construção. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, v. 2, n. 2, 1994, p. 103-114.

PINHO, M. C. G. Trabalho em equipe de saúde: limites e possibilidades de atuação eficaz. **Ciências & Cognição**, v. 8, 2006, p. 68-87.

SANTOS, M. P. G. S. **O Estado e os problemas contemporâneos**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2009.

SOUZA, L. G. **Equipes de Saúde Mental – Uma proposta para gestores**. Trabalho de conclusão de curso – São José dos Campos: Fundação Armando Álvares Penteado: 2010.

ADOLESCÊNCIA E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: OS (DES)CAMINHOS DE UM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPECIALIZADA¹

Douglas Vieira de Freitas²
Samara de Laia Vasconcelos²
André Mota do Livramento³

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de investigar as práticas direcionadas ao adolescente e ao uso de drogas que são realizadas em um CREAS de um município do interior de Minas Gerais. Foram entrevistados cinco profissionais, sendo eles: um Psicólogo, um Assistente Social, dois Educadores Sociais e um Coordenador, que prestam serviços de assistência social nesse CREAS. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais com roteiro semiestruturado. O conteúdo das falas foi analisado com base na Análise de Conteúdo, modalidade de análise qualitativa. Buscamos compreender e discutir neste trabalho quais as atividades que acontecem no CREAS investigado e que são direcionadas ao adolescente usuário de drogas, como se dá a adesão desse usuário, quais as principais dificuldades encontradas pelos profissionais e como estes avaliam as suas intervenções.

Palavras-chave: Psicologia. Adolescente. Drogas. CREAS.

ABSTRACT

This research was conducted in order to investigate the practices aimed at the teen and the use of drugs that are performed in a CREAS a municipality in Minas Gerais. We interviewed five professionals, namely: Psychologist, Social Worker, two Social Educators and engineer, providing social services that CREAS. Data collection was conducted through interviews on questions of how is working with adolescents related to drug use and addiction. The content of the speeches was analyzed based on content analysis methodology, qualitative analysis method. We seek to understand and discuss this work which activities happen in CREAS investigated and are directed to the adolescent drug user, how is the membership of that user, the main difficulties encountered by professionals and how they evaluated their interventions.

Keywords: Psychology. Teen. Drugs. CREAS.

¹ Artigo construído a partir de um trabalho de graduação feito para o curso de Psicologia da Faculdade Capixaba de Nova Venécia.

² Graduando(a) em Psicologia pela Faculdade Capixaba de Nova Venécia – Multivix.

³ Graduado e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Docente e Coordenador do Curso de Psicologia da Faculdade Capixaba de Nova Venécia – Multivix.

1 INTRODUÇÃO

1.1 ADOLESCÊNCIA E AS DROGAS

O conceito de adolescência tem sido entendido erroneamente como uma fase turbulenta do desenvolvimento humano. No entanto, estudos de cunho social revelaram que nem todas as culturas veem a adolescência como um período turbulento. Debesse (1946, *apud* OZELLA, 2002) é um dos autores que defende uma posição naturalista da adolescência. Para esse autor, a adolescência é uma mera transição entre a infância e a idade adulta carregada por comportamentos característicos dessa fase e sem variação histórica. Entretanto, entendemos que aspectos culturais devem ser considerados e a adolescência deve ser entendida como uma construção sócio-histórica, como apontado por Ozella (2002):

A adolescência não é um período natural do desenvolvimento. É um momento significado e interpretado pelo homem. Há marcas que a sociedade destaca e significa. Mudanças no corpo e desenvolvimento cognitivo são marcas que a sociedade destacou. Muitas outras coisas podem estar acontecendo nessa época da vida no indivíduo e nós não as destacamos, assim como essas mesmas coisas podem estar acontecendo em outros períodos da vida e nós também não as marcamos, por exemplo, as mudanças que vão acontecendo em nosso corpo com o envelhecimento. (p. 21).

Sendo assim, para que haja eficiência na intervenção, o comportamento do adolescente deve ser entendido como um esquema passível de mudança histórica e cultural.

Segundo pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CARVALHO, 2005) a droga tem sido inserida, cada vez mais, no contexto social do adolescente. Com a evolução do mercado de drogas, o adolescente ficou mais exposto às substâncias químicas tanto no uso quanto na comercialização. Crianças e adolescentes são usados como “aviãozinho” - sujeito que leva a droga até o comprador - e isso tem colocado suas vidas em risco. O adolescente também não tem capacidade de manter financeiramente a compra de drogas pelo uso descontrolado. Os traficantes matam crianças e adolescentes que não pagam a droga, para servir como exemplo para que os outros paguem. A dependência química para uma criança ou adolescente em desenvolvimento podem trazer prejuízos biológicos permanentes. Portanto, o uso de drogas tanto lícitas quanto ilícitas pode trazer prejuízos para a criança e o adolescente a nível social e também a nível biológico.

De acordo com Carvalho (2005), fatores do cotidiano como amigos, família, comunidade e escola estão sempre presentes na vida do adolescente. Esses fatores assumem o papel de uma faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo em que oferecem proteção, podem submetê-lo a vários riscos. Pois esses farão parte de sua construção social lhe oferecendo escolhas e oportunidades em sua vida. Essa influencia poderá ou não fazer com que o adolescente tenha contato com drogas.

1.2 O CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL (CREAS)

Conforme dispõe o Conselho Nacional de Assistência Social, o CREAS faz parte de um dispositivo do Sistema Único de Assistência Social que trabalha com pessoas em situação de risco pessoal e social que tiveram seus direitos violados (BRASIL, 2012). O seu objetivo é promover o desenvolvimento pessoal e comunitário contribuir para o resgate da autoestima, buscar a identificação e o desenvolvimento das potencialidades e capacidades do ser humano, favorecendo a promoção, inserção e participação social do público atendido, que é qualquer cidadão – independente da classe social ou cultura – em situação de violação de direitos nas seguintes situações: violação de direitos e também a identificação de situações de violação de direitos socioassistenciais; abuso ou exploração sexual de crianças ou adolescentes; violência doméstica – física, psicológica ou sexual; exploração do trabalho infantil; adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas; suporte e reinserção social para adolescentes e jovens pós-cumprimento de medidas socioeducativas (BRASIL, 2009).

Os atendimentos citados acima, no CREAS investigado, são realizados por uma equipe multidisciplinar composta por dois educadores sociais, um psicólogo e dois assistentes sociais, sendo um deles o coordenador geral do CREAS. A equipe faz o acompanhamento técnico especializado, potencializando a capacidade de proteção da família e do indivíduo.

2 JUSTIFICATIVA

Consideramos esse trabalho relevante, na medida em que nos permite discutir um tema tão abordado em nossa sociedade: o uso de drogas e a dependência química entre jovens, questão que exige reflexão, principalmente quanto aos métodos de enfrentamento a essa realidade.

Entendemos ainda que esse trabalho pode promover uma melhor compreensão sobre possibilidades de atuação de um CREAS com adolescentes em situação de vulnerabilidade social, dado o envolvimento com o tráfico e/ou uso de drogas.

3 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral investigar as práticas de intervenção direcionadas aos adolescentes de um CREAS de um município do interior de Minas Gerais. Como objetivos específicos, temos:

- Descrever os principais métodos de intervenção multidisciplinar do CREAS com adolescentes envolvidos no tráfico e uso de substâncias químicas;
- Compreender como se dá a adesão dos adolescentes aos serviços do CREAS;
- Apontar as principais dificuldades na realização do trabalho de intervenção e eficácia do CREAS na recuperação de adolescentes envolvidos com o tráfico e/ou uso de drogas;
- Verificar a avaliação que os profissionais fazem do trabalho que eles realizam na instituição.

4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

4.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em um CREAS de um município localizado no interior do estado de Minas Gerais. O primeiro contato com o CREAS foi feito através de um educador social que atua na instituição. Por meio desse contato foi solicitado a autorização para a realização pesquisa.

4.2 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa cinco profissionais que atuam no CREAS. Todos os profissionais possuem formação em curso superior (01 Psicólogo e 04 Assistentes Sociais).

Na tabela abaixo apresentamos dados dos entrevistados. Os nomes dos participantes são fictícios, recurso utilizado para preservar a identidade dos entrevistados. Os nomes dos participantes foram escolhidos com iniciais que os associassem ao cargo na instituição (“P” para Psicólogo, “A” para Assistente Social, “C” para Coordenador, e “E” para Educador Social).

TABELA 1 – PROFISSIONAIS ATUANTES NO CREAS

Participante	Cargo	Formação
Paula	Psicóloga	Psicologia
Carmen	Coordenadora	Serviço Social
Emerson	Educador Social	Serviço Social
Evelyn	Educadora Social	Serviço Social
Ana	Assistente Social	Serviço Social

4.3 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Foram realizadas entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, que foram gravadas em áudio mediante autorização formal dos entrevistados, que assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O roteiro da entrevista abordou as seguintes temáticas: dados pessoais dos respondentes, concepções acerca da adolescência, concepções sobre as drogas em geral, informações sobre os serviços oferecidos pelo CREAS, principais desafios, dificuldades e êxitos no cotidiano de trabalho.

4.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados, todas as entrevistas foram transcritas integralmente e submetidas à análise por meio da Análise de Conteúdo, sendo possível identificar as principais temáticas abordadas na fala dos entrevistados.

A Análise de Conteúdo, segundo Oliveira (2008) “é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada [...] e é, em última análise, uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social” (p.570).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os entrevistados puderam discorrer, durante a entrevista, sobre os métodos de intervenção utilizados com os adolescentes envolvidos com uso de drogas, que frequentam o CREAS deste município do interior de Minas Gerais.

Verificou-se que são cinco os profissionais que trabalham diretamente nas intervenções com os adolescentes neste espaço. Sendo eles, um coordenador e dois educadores com formação em Serviço Social, um Assistente Social e um Psicólogo.

A partir dos dados coletados, constata-se que as atividades realizadas pelos profissionais que atuam no CREAS são diversas, envolvendo desde atividades clínicas a atividades sociais e educativas, sejam elas atividades individuais ou atividades coletivas.

O psicólogo realiza terapias individuais de 30 minutos mensalmente com cada adolescente, em casos de maior necessidade fazem de 50 minutos semanalmente. Os educadores sociais fazem o trabalho grupal, que são dinâmicas de grupos, assistir vídeos para que os leve a refletir sobre sua condição atual para que saibam que têm capacidade de superar as dificuldades (CARMEN).

A maioria dos profissionais entrevistados concorda que a criação de vínculos é o primeiro passo a ser tomado, preocupando-se em trabalhar laços rompidos para facilitar o processo de abertura do adolescente, principalmente através da receptividade. Pode-se conferir a seguinte sentença na fala do Educador Social Emerson que diz “atuamos atendendo famílias ou indivíduos que estão com direitos violados. Geralmente são vínculos familiares rompidos”. Segundo a Educadora Social Evelyn, “criar vínculos é o primeiro passo. A partir do momento que esse vínculo é criado, fica muito mais fácil entrar na vida deles [...] para fortalecer laços, para que eles se sintam seguros para contar algo para a gente”.

Há que se prevenir, planejar ações de apoio e atenção a famílias em situação de vulnerabilidade e risco social e pessoal, fortalecer vínculos familiares e comunitários e desenvolver seus talentos e capacidades. Mas, infelizmente, não são poucos os casos nos quais os laços já estão rompidos e há que se aplicar medidas urgentes e imediatas para restabelecer um patamar mínimo de dignidade humana. (BRASIL, 2008, p.8).

As atividades grupais realizadas neste espaço são diversas. Assim, são realizadas brincadeiras, jogos e dinâmicas com intuito de recuperar os vínculos enfraquecidos e ampliar a visão dos adolescentes quanto à recuperação da autoestima, autoconhecimento e reflexões sobre as normas sociais. A Psicóloga Paula relata que “a gente tem encontro semanal com eles, para trabalhar a questão que geralmente está ligada ao uso de drogas, né, então trabalhar a questão do sonho, da autoestima e de uma visão de perspectiva de futuro”.

O trabalho realizado em grupo tem a sua importância relacionada aos vários aspectos que podem favorecer e facilitar, de muitos modos, o trabalho dos profissionais que lidam com problemas sociais como o uso de drogas. Souza et al. (2005) demonstram um destes importantes aspectos:

A experiência do trabalho em grupo pode facilitar a produção coletiva de conhecimento e a reflexão acerca da realidade vivenciada pelos seus membros, sendo este um importante aspecto para o desenvolvimento de processos reflexivos que apontem estratégias de enfrentamento dos desafios que, muitas vezes, fazem parte das suas situações de vida. (p. 148).

Quando se participa de um grupo, o indivíduo tem a oportunidade de se expressar, dando sua opinião ou mesmo seu silêncio (SOUZA et al., 2005).

A maioria dos profissionais concorda também que cada caso requer a utilização de métodos diferentes, pois cada caso é específico. A fala da Educadora Social Evelyn expressa essa afirmação:

Essas intervenções são da seguinte maneira, não existe uma intervenção formal, porque os educadores sociais têm grandes desafios, pois não sabemos o que vamos ver pela frente. Então, de acordo com o que vamos encontrar pela frente, há uma forma de alguma intervenção (EVELYN).

O trabalho em grupo desenvolvido destaca a importância de considerar o sujeito como construtor e construído pelo seu meio. Mas, ao mesmo tempo, ao considerar a especificidade de cada caso, considera-se a subjetividade do sujeito, o diferenciando dos demais indivíduos. Como cita Maheirie (2002) o sujeito se faz na pluralidade do contexto, mas como singularidade faz parte do mundo e é caracterizado por uma situação específica.

A solicitação da presença do adolescente dependente químico no CREAS não se dá por ele ser usuário de drogas, mas por ter cometido ato infracional. A coordenadora Carmen explica que “quase 100% dos adolescentes que frequentam o CREAS, por ato infracional, tiveram contato com drogas. Talvez, nem todos sejam dependentes, mas o contato já tiveram”.

O CREAS trabalha com a liberdade assistida, acompanhando os adolescentes que foram encaminhados pelo poder judiciário. Segundo a Psicóloga da instituição “o sistema jurídico encaminha casos de adolescentes em conflito com a lei para que o CREAS acompanhe. Nesse caso, a presença é solicitada através de um requerimento. Mas o acompanhamento do CREAS não é compulsório”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é uma ferramenta importante no trabalho social, pois este postula todos os direitos e deveres dos mesmos. O Educador Social destaca a importância de se basear o seu trabalho no ECA: “nós nos baseamos muito assim, no Estatuto da Criança e do Adolescente, quanto aos direitos dele” (Emerson). Corroborando essa ideia, Lucena e Ferreira (2011) ressaltam a importância das medidas socioeducativas estarem pautadas no ECA:

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), ordenamento normativo que orienta as intervenções socioeducativas, propõe uma intervenção articulada, sob a diretriz da atenção integral a adolescentes em conflito com a lei. Esta articulação envolve diferentes sistemas - de

justiça, de garantia de direitos, de saúde, educação e assistência social - por meio de intervenções ordenadas segundo dois eixos - a responsabilização e a proteção, em consonância com a garantia dos direitos preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. (LUCENA; FERREIRA, 2011, p.29).

Volpi (1997, *apud* JACOBINA; COSTA, 2007) aponta a condição peculiar de pessoa em desenvolvimento que dá a missão de proteger, garantir os direitos e educar, fazendo a inserção desses adolescentes na sociedade, aos agentes envolvidos nas operacionalizações socioeducativas.

As dificuldades apontadas pelos profissionais entrevistados são diversas. No entanto, pode-se destacar algumas dessas dificuldades, como envolver a família no trabalho com o adolescente no CREAS. A fala da Coordenadora Carmen comprova esta afirmação:

Podemos observar que em quase 100% dos casos o fato do adolescente ter se envolvido com atos infracionais, indisciplina escolar e uso de drogas estão relacionados à falta de estrutura familiar. E essa desestrutura familiar, na maioria das vezes, não é estrutura financeira, mas estrutura mesmo psicológica. Os pais se esquecem de impor limites, de pesar as coisas e medir o que pode e não pode. Às vezes, na tentativa de fazer o melhor para o filho acabam errando. Então, trazer o pai da família para participar junto com o filho, tentamos trazer sempre, dentro das limitações até mesmo pela dificuldade de vir em horário de trabalho. Mas tentamos sim envolver a família (CARMEN).

Outra dificuldade apontada diz respeito ao envolvimento de familiares nas intervenções realizadas com adolescentes envolvidos com o tráfico e/ou uso de drogas no CREAS. Segundo o Educador Social Emerson, a família “muitas vezes está traumatizada com os adolescentes, seja pelo fato de eles já terem lhes roubado dentro de casa ou mesmo os agredido”.

Outra dificuldade frequente no discurso destes profissionais é sobre a quantidade de profissionais do CREAS, pois consideram pequena para a demanda que é grande. A coordenadora descreve: “temos uma equipe ainda pequena. E temos capacidade de atender 50 casos por mês, porém, estamos atendendo 80 casos. A demanda está muito maior do que aquilo que a equipe tem capacidade.”

Os profissionais ainda destacam a limitação dos recursos, que por sua vez, acabam limitando o trabalho realizado no CREAS, como a dificuldade em articular o trabalho desenvolvido com outras redes. O educador Social Emerson relata essa dificuldade: “a gente acaba percebendo que se a gente tiver uma rede [...] que todos os setores atuarem para poder ofertar políticas públicas, ofertar atendimento, a gente consegue fazer um trabalho de parceria e equipe”. Esta dificuldade foi relatada por Raicheles (2006):

A questão da fragmentação das políticas sociais tem sido um tema recorrente, tanto nas análises dos estudiosos quanto na prática dos seus operadores. As políticas sociais obedecem à lógica da setorização, que recorta o social em partes estanques sem comunicação e articulação, torna os problemas sociais autônomos em relação às causas estruturais que os produzem, segmentando o atendimento das necessidades sociais. Em consequência, traz sérias dificuldades para a ação pública dirigida à implementação de políticas redistributivas que tenham impacto na qualidade de vida e no alargamento dos direitos de cidadania (p.2).

A falta de abertura dos adolescentes com os profissionais também é uma dificuldade apontada, bem como a adesão desses usuários as atividades propostas pelo CREAS, como aponta a Coordenadora Carmen, “a adesão deles ainda é muito lenta. Talvez porque o CREAS ainda não tenha nenhuma atividade que atraia realmente esses adolescentes”.

Existe também a dificuldade de reinsserir o adolescente no meio social – trabalho, escola e até mesmo na família – por conta da visão naturalizada e acrítica de que o adolescente envolvido com drogas e ato infracional são os problemáticos e podem lhes causar prejuízos. A assistente social afirma que é difícil inserir o adolescente que cometeu ato infracional e envolvido com uso de drogas no mercado de trabalho “É difícil. Existe muito preconceito. Os próprios adolescentes se sentem assim. Até pra tirar isso deles é complicado” (Ana). Neste mesmo sentido, Emerson afirma:

Eu já tive caso da escola negar, o que não pode ser negado, porque é um direito. Pela Constituição Federal, todos têm direito a vaga escolar. Mas a escola negou porque o adolescente saía levando a droga para escola. Então, há essa dificuldade de realizar o meu trabalho [...] inseri-lo na escola; a escola não vai querer recebê-lo por causa do uso de droga. Outra dificuldade é com a família [...] Por quê? Ele já roubou coisas de casa para poder vender; às vezes, houve algum contato de agressão física; talvez, a família já passou muito constrangimento e vergonha por causa do vício; ou já foi ameaçada [...] por causa de alguma situação (EMERSON).

A Psicóloga Paula aponta o risco do próprio CREAS, onde os adolescentes são recebidos, se tornar ponto de compra e venda de drogas:

Nós tivemos um caso em que um menor veio [...] tínhamos um grupo, de umas vinte pessoas e o menor no meio, disse que ia procurar outro para trabalhar [...] Então assim, é um risco né, que se corre. Vir aqui, ter um local onde favorecesse outro ato infracional né, por ser um local que eles se encontrariam (PAULA).

O fato do trabalho ainda ser recente é citado por todos os profissionais como uma dificuldade, tanto por se tratar de uma equipe nova e até mesmo pelo próprio trabalho do CREAS que também é novo. “É um trabalho novo para nós [...] tem só cinco meses, então é muito novo. Estamos procurando nos capacitar para poder atender melhor” (EMERSON).

Por meio dos relatos dos profissionais entrevistados foi possível constatar que a confiança conquistada entre profissionais e adolescentes é um dos êxitos obtidos mediante o trabalho realizado. Assim, avalia a Educadora Social Evelyn:

A partir do sorriso deles, da confiança de poder chegar e começar a contar o que realmente está acontecendo com ele. Essa confiança já é uma grande avaliação de conquista. Conseguir despertar essa confiança dele poder chegar e contar qualquer coisa (EVELYN).

A coordenadora Carmen relata “Estamos fazendo o possível. Avaliamos o trabalho como um trabalho ainda engatinhando, mas esperamos o aumento da equipe e dos recursos no segundo semestre de trabalho, e atividades mais atrativas”.

Quando foram questionados sobre o que poderia melhorar no desenvolvimento do trabalho, a assistente social Ana afirma: “Eu acredito que pode melhorar. É fundamental um trabalho em equipe”. A educadora social Evelyn diz:

Trabalho em equipe. Sempre a gente estar reunindo, buscando meios a mais pra gente estar tentando resolver as questões e os problemas. Porque eu penso uma coisa, mas o outro não está pensando. Então, trabalho em equipe. Reuniões faz com que a gente busque resultados melhores (EVELYN).

Contudo, a maioria dos profissionais considera que, na medida do possível, o trabalho tem sido favorável, mesmo com os obstáculos. Como na fala da Educadora Social Evelyn: “Eu avalio como boas”, e Assistente Social Ana: “Até agora tem sido assim, favorável”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados coletados e analisados, foi possível constatar que o trabalho realizado no CREAS é um trabalho que privilegia o desenvolvimento em grupo. O trabalho grupal não se opõe à individualidade dos sujeitos, deixando espaço para que, mesmo em grupo, os sujeitos sejam tratados como singulares.

No entanto, observou-se que uma das práticas realizadas no CREAS é a prática clínica por parte do psicólogo. Sendo assim, destacamos, quanto à atuação do Psicólogo, a necessidade de buscarmos romper com uma visão naturalizada da prática deste profissional, pois as atribuições de um Psicólogo no CREAS devem ir além daquela esperada socialmente, como é o caso do atendimento clínico.

Fica claro que a solicitação da presença do adolescente envolvido com o uso de drogas no CREAS não se dá pelo fato dele ser usuário de drogas, mas por ter cometido ato infracional, devido os encaminhamentos do sistema judiciário.

As dificuldades enfrentadas pelos profissionais que atuam neste local são distintas. As principais e mais citadas pelos entrevistados e que, talvez, tenham maior peso são: as limitações causadas pela falta de recursos, como a quantidade de profissionais e a falta de investimentos na articulação do trabalho desenvolvido no CREAS com outras redes; a dificuldade de trabalhar o adolescente em conjunto com a família, algumas vezes pelas divergências de horário disponível e outras vezes, pelo próprio fato da família temer o adolescente; e, por último, a dificuldade de garantir ao adolescente o acesso à educação e a profissionalização, por exemplo, dada visão negativa desse adolescente por grande parcela da sociedade.

O fato de a equipe ser nova e ter pouco tempo de atuação também são apontados como dificuldades pelos profissionais no desenvolvimento do trabalho. Alguns profissionais apontaram que ter um plano mais estruturado e melhorar a capacitação, poderia melhorar o serviço oferecido. Outros profissionais apontaram, ainda, que se todos eles trabalhassem mais em equipe, os resultados obtidos podem vir a ser melhores. Entretanto, a maioria dos profissionais avalia o trabalho de forma positiva.

A pesquisa realizada foi importante para esclarecer e fazer compreender como o CREAS lida com os adolescentes envolvidos no uso de drogas, tendo sido alcançado os

objetivos da mesma. Contudo, como o trabalho realizado se trata de um trabalho novo e muitos frutos ainda se tem a colher, esta pesquisa deixa em aberto uma base para uma futura pesquisa, no mesmo local, podendo servir de comparativo para indicar os progressos alcançados. A pesquisa ainda pode servir como reflexão para os próprios profissionais atuantes neste espaço, para notarem como está atualmente o trabalho e o que eles podem melhorar em suas atuações – naquilo que está ao alcance dos profissionais – para que o trabalho deixe de caminhar lentamente e possa progredir de forma mais satisfatória.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução 109, de 2009. Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**, Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução 33, de 2012. Aprova a Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social -NOB/SUAS. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**, Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Revista CREAS**: Centro de Referência Especializado de Assistência Social. Brasília, MDS, 2008.

CARVALHO, A. A. S. Drogadição. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE. **A Saúde de Adolescentes e Jovens**: conjunto de aulas interativas sobre tópicos selecionados. Brasília: Ministério da Saúde: 2005. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/multimedia/adolescente/principal.htm>>. Acesso em 18 Out. 2013.

JACOBINA, O. M. P; COSTA, L. F. “Para não ser bandido”: adolescentes em conflito com a lei e trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 10, n. 2, 2007. p. 95-110. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25803/27536>>. Acesso em 18 Out. 2013.

LUCENA, C. M. O; FERREIRA, S. M. S. Uso de drogas na adolescência: interfaces entre sistema de justiça e sistema de proteção. **Pensar BH/Política Social**, n.30, 2011. p. 26-31. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArgPlc=pensar_bh_30.pdf>. Acesso em 18 Out. 2013.

MAHEIRIE, K. Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade. **Interações**, v. 2n n. 13, 2002. p. 31-44. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35401303>>. Acesso em 18 Out. 2013.

OLIVEIRA, D. C. A. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. **Ver. Enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, v.16, n.4, p. 569-576, 2008. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>>. Acesso em 21 Out. 2013.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. S. **Adolescência e Psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-23. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/adolescencia1.pdf>>. Acesso em 18 Out. 2013.

RAICHELIS, R. Articulação entre os Conselhos de políticas públicas: uma pauta a ser enfrentada pela sociedade civil. **Serviço Social Societ**, v.85, n. 27, 2006. p. 109-116.

SOUZA, A.C; COLOMÉ, I. C. S; COSTA, L.E.D; OLIVEIRA, D. L. L. C. A educação em saúde com grupos na comunidade: uma estratégia facilitadora da promoção da saúde. **Rev. Gaúcha Enferm**, v. 26, n. 2, 2005. p. 147-153. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23558/000560718.pdf?...1>>. Acesso em 18 Out. 2013.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA UNIVERSO DA PSICOLOGIA

Apresentação

A revista “*UNIVERSO DA PSICOLOGIA*” publica trabalhos técnicos culturais, científicos e/ou acadêmicos, nas áreas ligadas ao curso de Psicologia, desde que atenda aos objetivos da Instituição. Admite-se, de preferência, autor pertencente à Faculdade, sem limitar, contudo, as contribuições e intercâmbios externos, julgados pelo Conselho Editorial, de valor para a Revista e, sobretudo, para a sociedade brasileira.

Normas de Publicação

Os originais entregues para publicação deverão ser assinados pelo autor e seguir as seguintes normas:

1 Texto

1.1 Os trabalhos devem ser inéditos e submetidos ao Conselho Editorial, para a avaliação e revista de pelo menos dois de seus membros, cabendo-lhe o direito de publicá-lo ou não;

1.2 O texto deve ser apresentado em formato A4 (210x297mm);

1.3 Os artigos não devem ultrapassar o total de vinte laudas, em espaçamento normal. Resumos de monografia, dissertação e tese: duas laudas. Resenhas e/ou relatos: não devem ultrapassar quatro laudas;

1.4 O texto deve ser entregue em CD e impresso, sendo composto no editor de texto Word for Windows, com fonte Time New Roman 12;

1.5 O trabalho deve apresentar obrigatoriamente:

- Título;
- Nome(s) do(s) autor(es)
- Breve currículo do(s) autor(es), enfocando as atividades mais condizentes com o tema trabalhado;
- Resumo (máximo de 300 palavras, contendo entre 3 e 5 palavras-chave);
- Abstract;
- Introdução;
- Corpo do trabalho;
- Resultado e/ou conclusões;
- Referências bibliográficas.

2 Referências Bibliográficas

A apresentação das referências bibliográficas deverá respeitar as normas técnicas da ABNT. Devem ser listadas imediatamente após texto, em ordem alfabética, e numeradas em ordem cronológica por números arábicos.

3 Citações

Qualquer citação no texto deverá ter obrigatoriamente identificação completa da fonte, sendo respeitadas as normas técnicas da ABNT.

Pede-se aos autores

- Seguir rigorosamente o Manual de Normas Técnicas da Multivix, que se encontra à disposição de todos na Biblioteca e na intranet do site da Instituição;
- Linguagem condizente como produção científica, evitando abreviações, jargões e neologismos desnecessários;
- Objetividade quanto à construção do título do artigo;
- Apresentação do significado de cada sigla que consta no texto na primeira vez em que ocorre.

Considerações Finais

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e o Conselho de Editoração não se responsabilizará pelas opiniões expressadas nos artigos assinados.